



EDUARDA MANZONI VIEIRA

“Inumeráveis”

**São Borja
2021**

EDUARDA MANZONI VIEIRA

“Inumeráveis”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

**São Borja
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

V657i Vieira, Eduarda
Inumeráveis / Eduarda Vieira.
81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2021.
"Orientação: Geder Parzianello".

1. Comunicação Social. 2. linguagem. 3. emoção. 4. estética
. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

EDUARDA MANZONI VIEIRA

INUMERÁVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 03 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Geder Luis Parzianello
Orientador
UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Katia Vieira Morais

UNIPAMPA

Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **LEANDRO RAMIRES COMASSETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/05/2021, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/06/2021, às 23:03, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **KATIA VIEIRA MORAIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/06/2021, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0531902** e o código CRC **8C9E56D2**.

“Vou mostrando como sou, e vou sendo como posso. Jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto...”

Novos Baianos

"Aprender a lamentar a morte em massa significa marcar a perda de alguém cujo nome não conhecemos, cuja língua não falamos, que vive a uma distância intransponível do lugar onde vivemos. Não é preciso conhecer a pessoa perdida para afirmar que se trata de uma vida. O que lamentamos é a vida encurtada, a vida que deveria ter tido a oportunidade de viver mais, o valor que essa pessoa tem agora na vida dos outros, a ferida que transforma permanentemente aqueles que vivem. O que outra pessoa sofre não é o seu próprio sofrimento, mas a perda que o estranho suporta atravessa a perda pessoal sentida, ligando potencialmente estranhos em luto."

Judith Butler

AGRADECIMENTOS

Pensar na minha trajetória até aqui é relemburar momentos que ultrapassam os quatro anos do curso de Jornalismo. Volto para minha infância e lembro que amava brincar de entrevistar minha irmã no nosso quarto. Penso nas diversas vezes em que imaginei o quanto seria gratificante poder contar tantas histórias, conhecer diferentes pessoas e ter o privilégio de acessar um pouco do mundo desconhecido de alguém. Por isso, desde sempre me encanta a ideia de poder ser uma pessoa que conta histórias de outras pessoas.

Agradeço aos meus pais, Cristiane e Sandro, pelo apoio incondicional. Em especial, à minha mãe, por ser a maior incentivadora dos meus sonhos, por me apoiar sempre, e por toda dedicação para que eu me tornasse a mulher que sou hoje. Obrigada, sem ti nada disso seria possível.

À minha irmã, Patricia, que dividiu comigo a experiência de morar em São Borja, sendo meu porto seguro durante esses anos. Obrigada pela amizade que construímos juntas.

Aos meus avós, Vera e Renato, por terem sido meus exemplos de vida e por me lembrarem que posso ir longe, mas sempre tenho para onde voltar. Obrigada por me esperarem com alegria toda vez que voltava para casa.

Ao Bernardo, meu amor e melhor amigo. Obrigada por estar comigo em tantos momentos, pela paciência e carinho, e por me incentivar a seguir em frente. Ao Glademir e a Vera, pela ajuda em tantos momentos e por se tornarem família.

Ao meu orientador, Geder Parzianello, pelo acolhimento no início dessa jornada final do curso, por ter dito que tudo iria dar certo, e por me desafiar na busca por conhecimento desde as aulas de Filosofia da Comunicação. Agradeço ao professor Dr. Leandro Comassetto, coordenador do curso de Jornalismo e à professora Dr^a Katia Moraes, por aceitarem o convite de fazer parte da banca de defesa pública desta monografia.

Aos meus amigos, de Itaqui e os que encontrei em São Borja, por todo amor e por reforçarem sempre que “a amizade é maior do que tudo, já diziam os antigos”. Só posso agradecer por terem dividido tantas histórias comigo, nos dias de luta e nos dias de glória. Gratidão a todos vocês.

A todas as mulheres incríveis que conheci na vida. À minha avó Elvira, minhas tias e amigas. Vocês representam força e persistência. São vocês que ajudam a construir um mundo mais belo para se viver.

A minha bebê, Olívia, que cresce dentro de mim enquanto escrevo esse trabalho. Pela força que me deu no desafio de concluir essa etapa durante a gestação, me mostrando que sou capaz de mais coisas do que imagino.

À Universidade Federal do Pampa, pelo acolhimento e por todas as experiências que me proporcionou. Agradeço por ter tido a oportunidade de estudar nessa Universidade Pública.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender, através dos estudos da linguagem e do discurso, de que forma as emoções se comportam como elemento informacional, jornalístico e comunicativo, por algumas marcas textuais e discursivas e toma, para análise, amostras delas empregadas pelo site do Memorial “Inumeráveis”. O trabalho identifica a estética de uma narrativa de promoção da emoção, empregada para despertar afetos e construir a memória coletiva em relação ao acontecimento da COVID-19 na pandemia que se estendeu durante os anos de 2020 e 2021. Trata-se de um estudo monográfico de metodologia de estudo de caso, apoiada em pesquisa bibliográfica e com abordagem qualitativa. Para análise dos textos do Memorial, nos amparamos numa fundamentação teórica que conversa a tradição retórica com estudos sobre narrativa de vida, jornalismo e estética. Por reforçar o caráter humanista do jornalismo, concluímos na direção de responder como a experiência do Memorial pode ser entendida para além de uma narrativa meramente emocional.

Palavras-Chave: Comunicação Social, linguagem, emoção, estética.

ABSTRACT

This research seeks to understand how emotions may be taken as an informational, journalistic and communicative element. Textual and discursive marks are taken in order to build the analysis on the Memorial website “Inumeráveis” (Brazilian Portuguese). The present work considers studies of language and discourse, as well as also identifies the aesthetics of a narrative to promote emotion while an element used to awaken affections and to build collective memory in relation to the COVID-19 event in the pandemic time during the years 2020 and 2021. It is a monographic research with a case study methodology supported by bibliographic research in a qualitative approach. For analysis of the Memorial texts, we rely on a theoretical foundation that talks the rhetorical tradition with studies on life narrative, journalism and aesthetics. By reinforcing the humanistic character of journalism, we conclude in the direction of answering how the experience of the Memorial can be understood beyond a purely emotional narrative.

Keywords: Social Communication, language, emotion, aesthetics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página do Memorial “Inumeráveis”	17
Figura 2 – Texto tributo escrito para Lázaro Gomes de Moraes Neto.....	22
Figura 3 – Memorial “Inumeráveis” aba para jornalistas adicionarem histórias no site	27
Figura 4 – Memorial “Inumeráveis” aba para as famílias adicionarem histórias no site.....	27
Figura 5 – Aba do “IGTV” Instagram Memorial “Inumeráveis”	29
Figura 6 – Aba do “IGTV” Instagram Memorial “Inumeráveis”	29
Figura 7 – Imagem da página no Instagram ‘inumeraveismemorial’ mostra a frase tributo escrita para Maria da Glória da Silva Souza	31
Figura 8 – Enfermeira Isis Marques Severo celebra a alta de um paciente internado no CTI	32
Figura 9 – Matéria ‘Diario do Front’ GauchaZH.....	33
INTRODUÇÃO.....	11
1 O CASO DO MEMORIAL “INUMERÁVEIS	14

LISTA DE FIGURAS

2 O PERCURSO DAS EMOÇÕES NA LINGUAGEM: VÍNCULOS POSSÍVEIS COM A COMUNICAÇÃO	38
3 O ESTUDO DE CASO COMO ROTA TEÓRICA E METODOLÓGICA	56
3.1 À luz das histórias de vida a partir do método de Daniel Bertaux	59
3.2 Aspectos sensíveis da memória	63
3.3 Algumas marcas textuais e discursivas	65
3.4 Linguagem e jornalismo na perspectiva de uma contribuição social.....	70
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

No contexto da pandemia do Coronavírus (2019-2021), o jornalismo assume o papel de fazer o equilíbrio entre o cotidiano informativo e as afetividades advindas do público que consome informação. Não é o jornalismo que emociona, mas, a experiência estética do leitor.

Jornalismo e ciência caminharam juntos naquele contexto pandêmico para assumir uma postura enfática de combate à desinformação, onde um sujeito precisava se reconhecer diretamente dependente do outro¹ para informar de maneira correta e esclarecer cada ponto do processo de enfrentamento da COVID-19.

Devido ao crescimento da desinformação e aos discursos negacionistas que se fizeram sentir naquele contexto histórico, bem como às tentativas de enfraquecer e desacreditar não só a pandemia, mas, o próprio jornalismo, a nossa atividade profissional foi buscando as mais diversas formas de conversar com seus públicos e reafirmar seu papel e identidade.

A maneira como a informação jornalística pode se apresentar diversamente no interesse do bem comum nos leva à aproximação conceitual de narrativas jornalísticas no contemporâneo, reforça o papel do profissional de redação em plena era da imagem e resgata a técnica e a natureza social da arte de contar histórias.

Pensado como extensão da escrita num contexto social, o jornalismo redimensiona sua experiência no conceito de utilidade pública, mediador que se faz das vozes que falam da dor daquela pandemia. São, afinal, sujeitos que experimentam uma cidadania ativa e fazem circular a informação de suas subjetividades, informando sobre as próprias realidades de vida.

Um projeto independente e coletivo como o do Memorial “Inumeráveis” se mostrou enquanto uma forma midiática de provocar o entendimento sobre modos contemporâneos de se fazer jornalismo, de se buscar aproximação com os públicos, de se pensar a leitura sobre a emotividade na técnica e na arte da escrita.

¹ Essa dependência da interação é assumida pelas teorias funcionalistas da comunicação e reforçada, sobretudo, pelo interacionismo simbólico e por correntes culturalistas, como vimos em aulas de Teorias da Comunicação, do Jornalismo e em Filosofia da Comunicação, durante a graduação.

O que trazemos, nesse trabalho, é uma proposta de compreensão, a partir da experiência do Memorial “Inumeráveis” e suas histórias de vida, enquanto uma experiência textual e discursiva, mas, sobretudo, estética. Uma experiência, enfim, de linguagem.

Buscamos investigar como esta linguagem se comporta. A justificativa da escolha desse tema está não apenas na atualidade do assunto e na experiência textual e discursiva das histórias de vida contidas naquele Memorial, mas, fundamentalmente, no reforço que o evento empresta ao caráter humanista do jornalismo, tão essencial neste século XXI e, principalmente, em meio a esta era da não-verdade. Mas, levanta também outros tensionamentos, em relação a uma hipervalorização dos sentimentos em nossa sociedade e que parecem estar como que catalogados por nossa cultura de culto à emoção.

Cada vez mais, na Pandemia do Coronavírus, tornara-se preciso evidenciar não apenas os números, dolorosamente crescentes em razão do contágio e de mortes por COVID-19, mas, também apresentar o que há por trás deles: as histórias de vida das vítimas e a realidade do sofrimento vivido por quem as conhecia.

O elemento da emoção sobressai naturalmente naquela experiência informacional e comunicativa. Discutida desde a antiguidade clássica, sobretudo na Grécia antiga, e desenvolvida por filósofos como Aristóteles, a emoção é objeto de estudo da retórica antes da era Cristã e bem mais tarde, dos estudos do discurso. Atravessa os domínios da arte e da técnica. Chegará, em nosso tempo, também como objeto de preocupação da estética.

Nesse sentido, a emoção é uma experiência de linguagem. Através do Memorial “Inumeráveis”, aprendemos sobre como o ato de comunicar vai muito além de uma estrutura linguística. O individual se constituiu num coletivo como aquele das histórias de vida das pessoas homenageadas. Muitos desdobramentos se poderiam fazer, certamente. Elegemos alguns, porque era preciso fazer escolhas, os chamados recortes da pesquisa. Focamos, então, no objetivo de analisar aquela experiência, suas características principais, e reconhecer nelas algum padrão narrativo e estético. Optamos, assim, por reunir uma amostra dos textos que servissem para demonstrar as marcas discursivas, textuais e retóricas daquilo que se pode reconhecer como forma alternativa de informação em tempo de pandemia.

Nosso estudo é uma abordagem de graduação, de iniciação em pesquisa e, portanto, tem seus limites não apenas teóricos, mas, de alcance da pesquisa (e do pesquisador em iniciação). Foi só por isso extremamente desafiador; foi um aprendizado (como, aliás, sempre fez questão de frisar meu orientador, porque um pesquisador não se faz sozinho nem de uma hora para outra)².

Este trabalho foi metodologicamente pensado a partir de pesquisa bibliográfica e definido, em sua tipologia, enquanto estudo de caso, por buscar explorar com alguma profundidade determinado fenômeno e suas circunstâncias. A metodologia apresenta, ao pesquisador, uma ideia de funil. Gradativamente, descobrimos aspectos que precisavam ser esclarecidos ao leitor e a nós mesmos, partindo sempre de um campo amplo sobre o assunto que iríamos investigar e, aos poucos, afinando as pretensões conforme notamos os muitos desdobramentos possíveis.

Essa monografia está organizada em três capítulos a partir desta introdução. O primeiro trata de descrever o Memorial “Inumeráveis”, suas características principais e sua estrutura. Trazemos, também nele, parte da compreensão tida de conceitos como da emoção, da linguagem e da memória. No capítulo dois, construímos a nossa fundamentação teórica, demonstrando vínculos entre emoção e comunicação, bem como a formulação do pensamento grego acerca desses aspectos, as concepções sobre estética do sensível e as percepções de como a sociedade pós-industrial vive as emoções enquanto uma mercadoria da cultura.

O terceiro capítulo foi dedicado para descrever o que é um estudo de caso e tratamos, especificamente, de algumas técnicas utilizadas e que identificamos na análise do Memorial. Nele, também tratamos sobre as histórias de vida e as marcas discursivas que essas histórias apresentam em relação ao nosso objeto de estudo, a fim de descobrirmos o que pode responder a nossa pergunta-problema: o Memorial “Inumeráveis” é apenas emoção?

² Faço parte do Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa (Unipampa/CNPq) e isso fez grande diferença na forma como fui percebendo a construção do conhecimento e as possibilidades de investigar, de fazer ciência em Ciências Sociais Aplicadas já durante a graduação.

1 O CASO DO MEMORIAL “INUMERÁVEIS”

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia do novo vírus da COVID-19, significando estado de emergência global. Os primeiros casos da doença foram detectados em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. O surto infeccioso começou a ser monitorado quando frequentadores do mercado local de frutos do mar passaram a apresentar problemas respiratórios e, nos casos mais graves, pneumonia. A imprensa relatou o episódio em centenas de milhares de reportagens mundo afora.

Em 30 de dezembro de 2019, o Médico chinês Li Wenliang, escreveu em um grupo de amigos no Whatsapp, que teria identificado sintomas semelhantes ao do vírus SARS em alguns pacientes, segundo revelou ao Ocidente a reportagem do jornal *El País*.³ O médico tentou alertar as autoridades de saúde da cidade de Wuhan e sofreu censura da polícia local com a justificativa de que estaria espalhando boatos online, conforme informações dadas por aquela matéria publicada no jornal espanhol.

Após esse episódio, a OMS anunciou o surto do novo coronavírus na China. Segundo informações da emissora britânica CNN⁴, Li Wenliang foi infectado enquanto trabalhava atendendo um paciente que portava o vírus e não sabia. O médico anunciou seu diagnóstico em seu perfil no twitter, o que gerou repercussões comovidas com seu estado de saúde na internet. No dia 6 de fevereiro de 2020, segundo informações da CNN, o médico teve uma parada respiratória devido aos danos causados pela doença e veio a falecer.

No Brasil, o primeiro caso foi anunciado após um homem de 61 anos ter retornado da Itália e testado positivo para o novo Coronavírus, em 26 de fevereiro de 2020, segundo dados do Ministério da Saúde naquela mesma data. O termo ‘novo’ foi usado na definição do agente patológico porque o vírus já existia e o que se passava a conhecer agora era uma nova mutação dele mesmo, na forma de “coroa” e por isso mesmo “corona” (Coronavírus)⁵.

³ <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-02-06/china-confirma-a-morte-do-medico-que-alertou-sobre-o-coronavirus-apos-horas-de-confusao.html>

⁴ <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/06/12/viuva-do-medico-que-alertou-sobre-coronavirus-em-wuhan-da-a-luz-a-seu-filho>

⁵ Coronavírus é o causador da COVID-19. O vírus sofreu em seguida, diversas mutações, gerando sucessivas ondas de contágio em várias partes do mundo.

As medidas de contenção e prevenção foram adotadas já em março de 2020. A principal medida para conter a disseminação do vírus, aprovada pelo governo, foi a de distanciamento social, sendo considerada por autoridades mundiais de saúde como a mais adequada para conter a curva de infectados, com base no gráfico que representava os níveis de disseminação do vírus em território nacional, elaborado pelo Ministério da Saúde.⁶

No dia 25 de junho de 2020, o Brasil chegou a 1.228.114 casos confirmados e 54.971 mortes, conforme demonstrava o Boletim Epidemiológico do Nexo Jornal⁷, apresentado a partir de um consórcio de veículos de imprensa em todo o país.

A iniciativa de consórcio entre as empresas UOL, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, G1 e Extra teve a intenção de trabalhar de forma colaborativa na busca e divulgação de informações sobre a pandemia de COVID-19. A ideia surgiu após o governo postergar a divulgação dos dados através do Ministério da Saúde, uma vez que o desejo do presidente Jair Bolsonaro era de que os números de óbitos não ultrapassassem 1.000 por dia, assim, o governo não divulgaria mais o total do quadro da pandemia em nenhuma plataforma, o que daria significativa amenizada nos números, o que evitaria o desgaste político ao governo. O presidente disse que a medida foi tomada para ‘evitar subnotificações e inconsistências’, segundo informações do G1, portal de notícias da Globo.⁸

O impacto da pandemia na vida das pessoas causa uma série de complexidades que vão desde a incerteza econômica, com o desemprego de 12,8 milhões de brasileiros segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), à necessidade emergencial de renda de cerca de 50 milhões de brasileiros e até profundas questões emocionais e psicológicas por conta do pânico trazido com a doença: o medo da morte e o medo do desemprego.

O contexto de pandemia desencadeia uma série de medos e incertezas, atingindo diretamente a saúde mental das pessoas. As consequências psicológicas acometem diferentes partes da população, de crianças até idosos, e sobrecarregam as reações psíquicas e outros

⁶ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

⁷ Disponível em:

<https://mailer.nmensagens.com.br/w/uOwUNM2uOdDf9OEH6PVTEg/hGNHo1EAuJVaj8LLw7InVA/IZSjzfxiNZ763Sp7W0sAQMoQ>

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/bolsonaro-confirma-mudanca-em-divulgacao-de-boletim-do-coronavirus-a-partir-das-22h.ghtml>

problemas que surgem com esta nova condição, segundo aponta estudo elaborado pela Organização Pan-Americana de Saúde ⁹(OPAS, 2020).

O documento para proteção da saúde mental em situações de pandemia mostra que os efeitos são mais marcados em pessoas em condições de vulnerabilidade social, uma vez que já são acometidas pela falta de recursos básicos, como por exemplo, as situações precárias de moradia, saneamento básico, falta de emprego e instabilidade financeira.

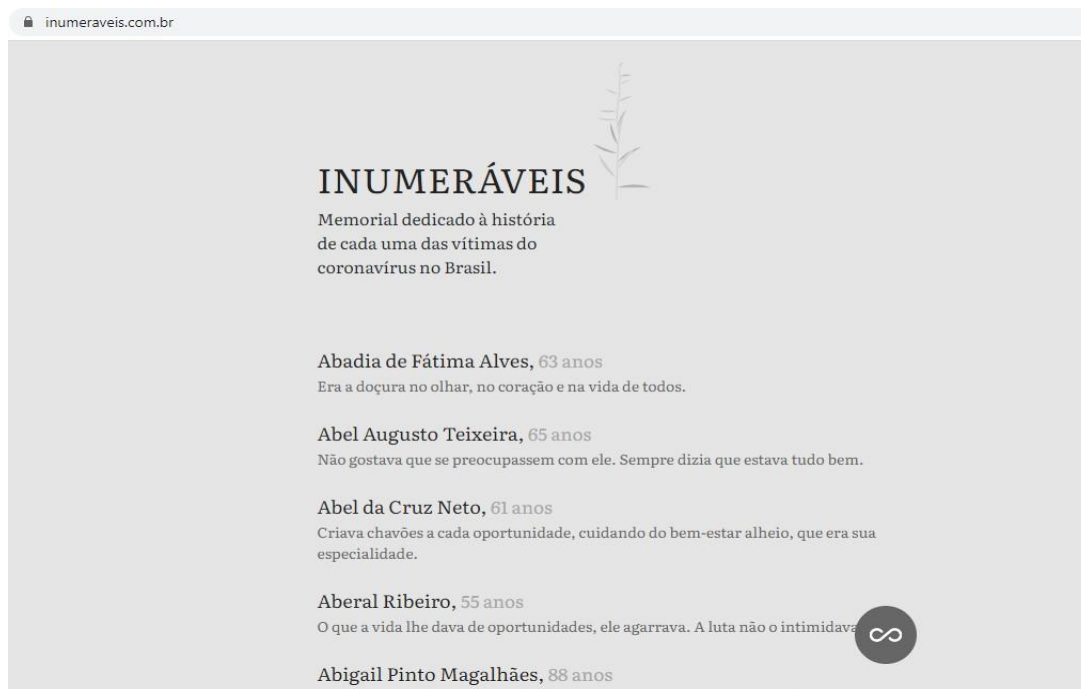
O relatório afirma “que em casos de grandes catástrofes, o luto envolve a necessidade de enfrentar muitas perdas e tem um sentido mais amplo e comunitário; implica na ruptura de um projeto de vida, com uma dimensão não apenas familiar, como também social, econômica e política”. (OPAS, 2020).

É nessa dimensão social que algumas iniciativas em Comunicação foram impactantes. Uma delas foi mesmo esta experiência do site “Inumeráveis”, memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do COVID-19 no Brasil, disponível no endereço da web: www.inumeraveis.com.br.

Nessa pesquisa, tomaremos o espaço comunicacional do site como *corpus* em uma amostra dentro de uma metodologia de “estudo de caso”.

Figura 1 – Página inicial do Memorial “Inumeráveis”, no canto inferior esquerdo, símbolo do infinito, leva às demais abas do site.

⁹ Relatório sobre saúde mental em tempos de pandemia. Organização Pan-Americana de Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situacoes-de-Epidemias--Portugues.pdf>



Fonte: Memorial “Inumeráveis”

Este site surgiu da ideia do artista plástico Edson Pavoni, de transformar o tratamento que as vítimas estavam tendo até então. “Não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”, é a afirmação que traz o site do projeto e assim traduz o seu conceito; tem a intenção de colaborar com o processo de humanização das notícias e dos dados para que as pessoas não sejam vistas somente como números frios, em crescente contagem.

O site¹⁰ é composto por colaboradores e voluntários que podem se inscrever diretamente no endereço eletrônico. A pessoa pode escolher livremente o perfil em que melhor se encaixa, sendo eles: a) “escritores, pesquisadores, responsáveis por localizar uma história, entrevistar o familiar do homenageado e submeter o texto elaborado na plataforma; b) escritores, encarregados de transformar áudios e formulários enviados por familiares das vítimas em histórias para serem publicadas; e por último, c) a categoria de revisores, destinada para revisão imparcial e poética das histórias”, conforme o próprio site apresenta.

A partir disso, começamos a pensar o efeito que todas essas mortes causam no público e na imprensa. Não há dúvidas de que é necessário fazer a contagem das vítimas, ou seja, transformá-las em números, pois, são eles que nos dão dimensão do cenário de pandemia e de contaminados em nosso país. Mas, evidentemente que só isso não basta. Cabe ao pesquisador compreender o papel do jornalismo neste contexto, levando em consideração seus princípios

¹⁰ Site Memorial Inumeráveis: <https://inumeraveis.com.br/>

comunicacionais, como a informação de qualidade, a checagem dos dados e a responsabilidade com a divulgação da informação. A tradução desses números em acontecimento. De fatos em notícias.

O memorial “Inumeráveis” surge como uma plataforma completamente nova, produzida e pensada para um cenário novo no país. Plataforma esta que abre espaço para escritores, alunos de jornalismo e jornalistas, mas que, apesar de contemplá-los, não pode ser definida a rigor como sendo uma plataforma jornalística (pelo menos não por uma tradição conceitual dos cânones em Teorias do Jornalismo), o que não quer dizer que não possa ser problematizado como tal. Sendo assim, buscamos, neste trabalho, compreender e analisar os efeitos comunicacionais e de linguagem que esta plataforma emprega e desafiamos o olhar para o que compreendemos ser parte de “novas formas de fazer jornalismo” ou pelo menos, de como os textos em seus estilos podem, através da experiência com a emoção, falar mais perto de seus públicos.

Entendemos que o site do Memorial, ao adotar como slogan a frase: ‘Não são um número’, determina *palavras de ordem*, (Gomes, 2018 apud Deleuze; Guatarri, 1995, p.16) apresentando um enunciado que pode ser explicado conforme o conceito de enquadramento de Mayra Gomes, em seu trabalho de pós-doutoramento em Filosofia da Comunicação (2018). Naquele trabalho, Gomes explica que formamos quadrículos em relação à realidade e, assim, construímos uma ideia de acontecimento. O quadriculamento é um dispositivo que funciona para demonstrar o que se quer. Apoiada em Foucault (GOMES, 2018, p.61) lembra que as palavras de ordem desenham estes enquadramentos.

O site mesmo afirma sobre si: “somos um esforço poético, artístico e também jornalístico” Aqui, podemos fazer logo nossa relação entre os processos enunciativos do jornalismo e as duas frases citadas acima e que são os dois principais enunciados produzidos pelo site, assim sendo, a constância da enunciação é tomada como um enunciado, segundo a compreensão dada por Gomes (2018).

A primeira frase: “Não são um número”, empregada no final de todas as histórias escritas no Memorial, apresenta-se como *palavra de ordem* através de um enunciado, o que nos é antecipado teoricamente por Deleuze e Guatarri (apud GOMES 2018, p.41): ‘as palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma ‘obrigação social’. Assim sendo, podemos analisar como

obrigação social aquilo que os organizadores tomaram como justificativa para realização do memorial: a obrigação de passar ao público as histórias das vítimas da COVID-19 por outro viés, um viés não numérico, mas expresso como um ‘esforço poético’ em defesa do valor da vida. O site incorpora uma afirmativa a partir do que não é: “não são um número”. A construção de identidades, conforme as tradições antropológica, filosófica e linguística, como também psicanalítica, se dá pela ideia mesma de uma negação, em oposição a um Outro. É pelo Outro que nós nos constituímos e nos reconhecemos sobre quem somos. Pela negação, pelo que não somos, por nossos contrários.

A plataforma exercita, em alguns aspectos, o que o jornalismo propriamente faz, como por exemplo, o papel testemunhal. A partir das entrevistas realizadas com os parentes das vítimas e através das pessoas que escrevem diretamente no memorial, toma-se testemunho daquela vida que partiu, assim como o papel testemunhal também é desempenhado pelo próprio acompanhamento e atualização da página, conforme se obtém novas histórias. Junto à descrição de cada categoria há um Manual de Instrução, disponível para ser baixado em formato pdf, em que o site dispõe de recomendações escritas pelos seus idealizadores para orientar e contribuir no processo de criação, assimilação e descrição das histórias.

Assim sendo, há outra relação com o fazer jornalístico e que devemos observar, que é o perfil destinado ao revisor das histórias. A tarefa do revisor é como se fosse a do editor chefe de reportagem: o trabalho do jornalista passa, então, pelas mãos de um editor que pode alterar seu texto, corrigi-lo ou acrescentar informações se ele desejar. No caso do memorial, o papel de revisor é, como a própria palavra diz, alguém que deve revisar imparcial e poeticamente os textos. Para fazê-lo, o revisor voluntário precisa acompanhar o site para ver o dia e o horário da reunião realizada pelos idealizadores do site, onde se terá todas as informações e dicas para se tornar voluntário.

Podemos fazer relações entre a proposta do Memorial e os tradicionais obituários escritos e publicados em geral, ainda hoje, nas páginas dos jornais impressos. Alguns jornais apresentam a figura do obituarista, como é o caso do jornal *Folha de São Paulo*, que publica uma coluna com obituário todos os dias na editoria de ‘cotidiano’, e é ali que saem as histórias de anônimos ou não. Tradicionalmente, era uma sub-função no jornalismo, uma atividade entregue a quem começava a aventurar-se na escrita em jornal e desejava seguir carreira naquela atividade de escrever notícias. Teve, por muitos anos, uma concepção

depreciativa. Em aulas de Teorias do Jornalismo, esta descrição faz parte da compreensão da história evolutiva de nossa profissão, quando se depara pela primeira vez com fontes de leitura como Alsina(1989), Danton Jobin (1960) e tantos outros precursores, em geral pelas vias de Nelson Traquina (2002), teórico português falecido em 2019 e um dos principais autores na formação de gerações de jornalistas em Língua Portuguesa, sem dúvida, o mais citado nas faculdades de jornalismo no Brasil, conforme estudamos na Graduação.

A escrita jornalística tradicional, normalmente, tem uma fórmula: a história é contada ao contrário das narrativas do Memorial. O lead jornalístico começa dizendo o que aconteceu, como, quando, onde e por quê. Mas o obituário é mais livre. Pode começar falando sobre o quanto aquele famoso (ou não) tinha hábitos simples, o quanto a sua obra foi importante e o porquê. No caso de pessoas anônimas, por exemplo, o quanto aquela pessoa mudou o mundo ao seu redor.

O jornal *Folha de São Paulo* produziu um episódio sobre os obituários no jornalismo através de seu podcast de cultura chamado ‘Expresso Ilustrada’, na voz dos jornalistas Isabela Menon e Maurício Meirelles. “Quero dizer que o obituário não é uma bobagem, pelo contrário, ele muitas vezes, representa o que há de melhor no texto jornalístico”, explica Meirelles, textualmente. Segundo informações deste podcast, os textos se multiplicaram pelo jornal de todo o mundo, a ponto do *New York Times* criar uma sessão só com os obituários de pessoas famosas mortas pela COVID-19.

Nos obituários de pessoas anônimas, a linguagem era usada de maneira a descrever quem eram, o que faziam, do que gostavam, se tinham alguma frase marcante ou engraçada, por exemplo, ou então, como contribuíram para a sua cidade, através de seu trabalho ou de sua maneira de ser para com quem conviviam. “Um obituário também quer contar se a pessoa torcia pro Flamengo, [por exemplo, ou] se gostava de pudim de laranja, [enfim], as suas manias e seus bordões, porque tudo isso importa”, afirma a jornalista Isabela Menon, no episódio sobre obituários do podcast ‘Expresso Ilustrada’¹¹.

Já no caso dos famosos, celebridades e pessoas conhecidas nacionalmente, os textos eram escritos com certa antecedência e ficavam guardados na gaveta até a pessoa vir a falecer. O Memorial “Inumeráveis” tem também a característica de ressaltar a vida, a beleza

¹¹ Podcast da Folha de S. Paulo ‘Expresso Ilustrada’ disponível no Spotify: <https://open.spotify.com/episode/4jPbUzFXxtA2opit89ecSa>

dos hábitos da pessoa que morreu, etc. O foco é sobre o que foi vivido, construído ao longo da vida, e não as circunstâncias de seu falecimento (como ocorreria com uma notícia padrão, por exemplo).

O texto do site “Inumeráveis” costuma desempenhar um relato humanizado; as histórias ali registradas visam textos bem construídos, ou seja, há um cuidado redobrado em escrever a vida de alguém que partiu. O co-idealizador do memorial, Rogério Zé, se refere ao projeto como sendo uma obra de arte da palavra. A partir de um questionário enviado aos familiares e parentes das vítimas, com base nas informações obtidas, os colaboradores fazem um texto tributo. Para escrever esse texto, não há um limite de caracteres, apenas para o texto epitáfio, que tem 110 caracteres como limite. Essa rede de trabalho colaborativa pode ser composta por jornalistas, alunos de jornalismo e aqueles que desejarem contribuir. Junto ao texto tributo há a uma aba para texto epitáfio, palavra que se refere às frases escritas em lápides colocadas sobre túmulos nos cemitérios, a fim de homenagear os mortos ali sepultados. E no Memorial, servem para fazer uma pequena apresentação da pessoa através de uma frase, por exemplo.

O idealizador Rogério Zé contou, em roda de conversa realizada pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que a proposta de realizar conexões com as universidades ampliou os objetivos do projeto: “Percebemos que era importante estabelecer conexões e laços com as universidades, estimulando uma ação voluntária dos estudantes seja na apuração e checagem das histórias, seja escrevendo ou revisando”. O projeto ‘Roda de conversa – Em casa com a Facom’ realizou a live ‘Jornalismo e histórias de vida’ no dia 10 de Maio, foi transmitido pela página da Facom no Facebook e pode ser encontrado também pelo canal do Youtube da Facom da UFBA¹². O evento contou com a presença de Rogério Zé, co-idealizador do projeto “Inumeráveis”, Camila Botto, jornalista e voluntária do “Inumeráveis” e Ivanise Andrade, professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Os voluntários e revisores não precisam ser jornalistas ou escritores renomados e reconhecidos nacionalmente para participar. Basta a pessoa se inscrever no formulário e participar da reunião que os idealizadores promovem para sanar dúvidas e apresentar contribuições, se desejarem. Dessa forma, a categoria de revisor serve para avaliar se um

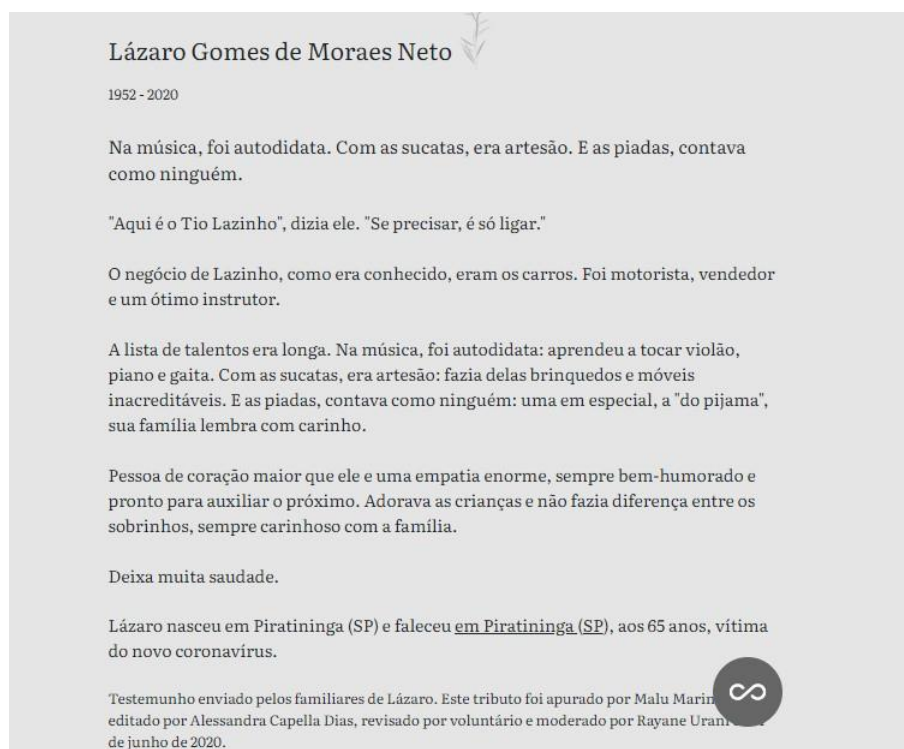
¹² Canal do youtube Facom UFBA. Roda de conversa sobre o projeto Memorial Inumeráveis. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ob6gX5ZgNjI&list=PLk7abs46fI9qaoSFrIc4szOH-mIYPDKGL&index=6&ab_channel=FaculadedeComunica%C3%A7%C3%A3oFACOMUFBA


texto pode ser publicado ou não, se realmente seguiu as regras e dicas do Manual, se apresenta uma escrita pejorativa e maldosa sobre alguém e precisa ser descartado, ou se ‘poeticamente’ é semelhante aos demais textos (o que é desejável, isto é, que se procure manter certo estilo poético de escrever).

O Memorial contava com cerca de 180 colaboradores e este número vinha aumentando. Inicialmente, o quadro de colaboradores somava somente nove pessoas: Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani e Jonathan Querubina. Já na aba onde consta o nome de todos os colaboradores, podemos encontrar o motivo para a amplitude desta rede colaborativa: “Nesse momento tão duro, queremos sublinhar a força da empatia e da cooperação entre as pessoas”. Assim, não há motivos para que a produção seja realizada apenas por jornalistas ou profissionais da área, como podemos detectar nos objetivos desta iniciativa, bastante definidos também ao longo do site.

A primeira página foi disposta com os nomes em ordem alfabética, ao lado deles, a idade da vítima. Logo abaixo, a frase escrita que se define como sendo um epitáfio para a pessoa homenageada. Ao clicar no nome, abrimos o texto “tributo”.

Figura 2 – Texto tributo escrito para Lázaro Gomes de Moraes Neto. Abaixo, o ano de nascimento e falecimento.



Lázaro Gomes de Moraes Neto 

1952 - 2020

Na música, foi autodidata. Com as sucatas, era artesão. E as piadas, contava como ninguém.

"Aqui é o Tio Lazinho", dizia ele. "Se precisar, é só ligar."


O negócio de Lazinho, como era conhecido, eram os carros. Foi motorista, vendedor e um ótimo instrutor.

A lista de talentos era longa. Na música, foi autodidata: aprendeu a tocar violão, piano e gaita. Com as sucatas, era artesão: fazia delas brinquedos e móveis inacreditáveis. E as piadas, contava como ninguém: uma em especial, a "do pijama", sua família lembra com carinho.

Pessoa de coração maior que ele e uma empatia enorme, sempre bem-humorado e pronto para auxiliar o próximo. Adorava as crianças e não fazia diferença entre os sobrinhos, sempre carinhoso com a família.

Deixa muita saudade.

Lázaro nasceu em Piratininga (SP) e faleceu em Piratininga (SP), aos 65 anos, vítima do novo coronavírus.

Testemunho enviado pelos familiares de Lázaro. Este tributo foi apurado por Malu Marin  editado por Alessandra Capella Dias, revisado por voluntário e moderado por Rayane Urani de junho de 2020.

Fonte: Memorial “Inumeráveis”

Esse método técnico e sensível contribui para que as vítimas tenham sua memória preservada, já que o distanciamento social, um dos principais meios para que a contaminação pelo vírus não se espalhe, impossibilita a realização de grande parte dos velórios e quando visualizados nessa experiência comunicacional e interativa, parecem lhes oferecer alguma compensação de sentimentos. Foi também a maneira encontrada pelos idealizadores de celebrar a vida que existiu, e de como podem restabelecer essas identidades para além das estatísticas. É preciso que se diga que ações comunicacionais realizadas dessa forma de fato podem auxiliar no aspecto de amenizar a dor da perda e o sentimento de tristeza pelo desaparecimento de uma pessoa querida. Elas têm, portanto, um papel social que é evidente e que precisava ser valorizado justamente naqueles momentos da história presente dos que os viram partir.

A experiência que tive nesse TCC ao navegar, pela primeira vez no site do “Inumeráveis”, falando como pesquisadora em iniciação, mas, também e principalmente como internauta, foi como se estivesse visitando um grande livro de contos: a cada novo texto aberto: a gente encontra uma oportunidade de se envolver, comparar, refletir sobre a vida daquelas pessoas. Pode-se também ficar acompanhando os nomes, que estão postos em ordem alfabética, e logo abaixo consta a frase epitáfio, escrita relativamente a cada um deles. Algumas frases são maiores, outras apresentam bem poucas palavras. Como por exemplo, a frase escolhida para definir o senhor Ademir Veríssimo Lopes, de 66 anos: “Determinado e corajoso. Amante da natureza”. No texto tributo está escrito: “Afetuoso, foi bom pai. Seu lema foi: tenha fé e preste atenção. Ficaré para sempre nas vidas de seus familiares e amigos.” Fica-se pensando, como cientista social e futura jornalista: como se resume a vida de uma pessoa? Ademir nasceu em Rubiácea (SP) e faleceu na capital, São Paulo, aos 66 anos, vítima do novo Coronavírus. Como definir sua identidade com um traço de seu comportamento?

Utilizamos a palavra ‘texto’ para designar neste trabalho as narrativas que compõem o conteúdo formal do site que é nosso objeto de pesquisa.

Cumpramos que apontemos que a identificação e a confiança entre entrevistado e entrevistador geram o que Rogério Zé descreve como “processo de cura”: a conversa acaba por contribuir com o delicado período de luto, em especial durante uma pandemia.

No jornalismo, a busca pela fonte é um dos maiores desafios para os entrevistadores, que precisam dispor de uma sensibilidade acolhedora, entender que nem sempre serão bem recebidos, assim como não há fórmula certa para realizar essas entrevistas. É preciso respeitar o espaço e o momento de cada familiar e/ou amigo. No Memorial “Inumeráveis” este desafio se dá por outra perspectiva. É a fonte que procura, em geral, a quem escreve. Existe uma fórmula e a sensibilidade acolhedora parece imediatamente instituída.

O Memorial “Inumeráveis” está no ar desde abril de 2020, quando o país tinha 38.654 casos confirmados. Em seguida ao seu lançamento, a iniciativa desta mídia tomou uma proporção na mídia nacional, assim como no meio acadêmico, através de parcerias firmadas com instituições de ensino. Dessa forma, a visibilidade do Memorial aumentou, se desdobrando em uma narrativa diferente na imprensa, como por exemplo, com o programa Fantástico.

O quadro do programa Fantástico - O show da vida, da Rede Globo, exibido em rede aberta de televisão todos os domingos, deu nova narrativa às homenagens realizadas às vítimas do COVID-19 pelo projeto “Inumeráveis”. É na voz dos atores e atrizes da emissora que as histórias são, então, desta vez, declamadas. A cada domingo, os convidados emprestam suas vozes e imagem, e em formato de vídeo, contam sobre o que havia por trás daquele nome e do ser que já não existe. O vídeo é gravado em casa com a própria câmera dos atores em plano médio e enviado para compor o quadro.

O quadro começa apresentando os nomes das pessoas que protagonizam as histórias selecionadas e mostrando uma foto de perfil das pessoas que se foram. Logo após os atores, que se renovam a cada domingo, entre eles Christiane Torloni, Toni Ramos, Débora Falabella, Miguel Falabella, Taís Araujo e Lázaro Ramos, por exemplo, interpretam o conteúdo de cada narrativa escolhida, e no intervalo entre um relato e outro, os apresentam dramaticamente, ao tempo em que o número de vítimas aparece na tela e na voz dos apresentadores do Fantástico, Tadeu Schmidt e Poliana Abritta. À medida que o projeto foi avançando, novos atores e atrizes participaram. O evento midiático repercutiu nas mídias sociais e contribuiu, certamente, para a formação de consciências sobre a pandemia.

A trajetória narrada por rostos conhecidos do cenário televisivo impacta de maneira diferente do proposto inicialmente pelo memorial. Além do site, esta é mais uma forma de sensibilizar o público, promover consciência, e de identificação e também divulgação da

plataforma. Uma espécie de metanarrativa, poderíamos chamar assim: um produto falando do conteúdo de outro produto midiático.

Além disso, juntam-se duas potencialidades narrativas que se alinham no texto: a voz e a imagem, enquanto no site, temos apenas o texto. O público se expande, ocorre certa democratização da ‘notícia’, já que a televisão aberta no país ainda é um dos maiores meios de consumo de informação na vida dos brasileiros, conforme aponta a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira” realizada em 2016¹³, segundo matéria do site G1. A televisão aparece como preferência ainda de 63% das pessoas consultadas, seguida pela internet, com 26% dos entrevistados.

Assim, a parceria entre o Memorial “Inumeráveis” e o quadro do programa Fantástico apresenta narrativa mais abrangente, potencializando a emoção, pois contempla outros públicos, trabalhando com os sentidos visuais e com a carga interpretativa e cênica empregada pelos atores- o que não se tem na experiência de escrita e leitura do Memorial. Logo, para construção deste trabalho, cabe entender de que forma a experiência que o site propõe, potencializa as ações e intenções do mesmo, enquanto narrativa escrita, sobretudo, numa era como a nossa, de culto da imagem e do visual. O exemplo do Fantástico aqui é meramente ilustrativo dos alcances que esta experiência de informação midiática alcançou. Mas não é objeto de nossa análise.

Criada em abril de 2020, a plataforma nacional que nos propomos a pensar e estudar adquiriu notoriedade diante dos profissionais da área da comunicação, pesquisadores, estudantes e professores de instituições de ensino do país, transformando-se em objeto de estudo de caso. “A cooperação aconteceu a partir do desejo dos criadores do memorial por exercitar e discutir a prática e troca pedagógica do jornalismo, a busca pela fonte, onde está localizada e como chegar nessas pessoas”, afirma Rogério Zé, na ‘Roda de conversa – Em casa com a Facom’. A partir disso, os professores utilizaram o site como projeto de extensão, como fez a Universidade Federal de Sergipe (UFSE), começando com uma equipe composta por 13 integrantes, alunos, ex-alunos e professores do curso de Jornalismo.

Alunos interessados se inscreviam para fazer parte da equipe de voluntários do Memorial e o objetivo era que buscassem histórias e entrevistas com foco no estado de

¹³ <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>

Sergipe, e pudessem contar as histórias do seu próprio estado, assim como estender seus conhecimentos para a comunidade, sendo esse o propósito na concepção de todo projeto de extensão nas universidades: promover o conhecimento ao alcance da sociedade.

Tanto o perfil de pesquisador, como o de escritor, pediam que fossem colocados, junto ao texto, os dados de identificação da pessoa homenageada, sua cidade natal, sua idade e data de falecimento. A recomendação era a de que o texto epitáfio apresentasse, no máximo, 110 caracteres, pois, nesse pequeno trecho, deveria estar contida apenas uma definição objetiva de quem era a pessoa homenageada. O Manual dava dicas para escrever uma história emocionante e ilustrava, com exemplos, a forma como os colaboradores podiam escrever sem que fossem ‘clichê’ e, dessa forma, focassem nos pequenos detalhes da vida da pessoa. Uma das dicas que o Manual dava era a de não abusar dos adjetivos, como por exemplo, “É melhor dizer que Maria consertava de graça roupas dos vizinhos do que dizer que Maria era uma boa pessoa”.

A definição de ‘clichê’, segundo o Manual, é a forma noticiosa de descrever uma vida, por exemplo, ao usar expressões como: “João, era uma ótima pessoa”, entendendo que esse tipo de afirmação não define quase nada das características de alguém, ou então, reduz sua história a algo repetitivo que pode ser usado a tantas outras histórias. Com isso, o material recomendava a busca criativa de cada colaborador, pensando no tratamento destas histórias, enquanto enfatizava, sobretudo, uma escrita através da emoção.

O site não apresentava fotos das vítimas, nem havia vídeos ou áudios; o seu principal recurso era o texto. Os elementos que compunham o site, visualmente, eram o pequeno desenho de uma planta e o símbolo do infinito, que representa as imensuráveis (porque sem fim, continuavam morrendo, em maior número) vítimas da COVID-19 referenciadas pelo site, fazendo relação ao nome do Memorial. A linguagem poética dos textos permite que os leitores tenham contato com cada pessoa, pequenos detalhes de suas vidas, sua profissão, qualidades e características marcantes. São relatos compostos a partir da visão de um familiar ou amigo da vítima. Nesse sentido, o significado que se constrói é que os escritores (colaboradores voluntários) são um meio, uma ferramenta que dá visibilidade e significado às perdas sofridas por tantas famílias.

Após a elaboração de seu texto, o voluntário (nem sempre um jornalista no sentido formal) acessa o site e submete o texto no formulário: “sou jornalista e quero publicar uma

história”. Familiares das vítimas podem escrever diretamente no Memorial e submeter a publicação via formulário, ou enviar áudios via whatsapp da equipe contando sobre a vida da pessoa que deseja homenagear. Como mostra abaixo a figura 4.

Figura 3 – Memorial “Inumeráveis”.



∞

Para jornalistas adicionarem uma história ao Memorial

A. Jornalistas ou estudantes de jornalismo podem encontrar, entrevistar, escrever e publicar.

Se você é jornalista ou gosta de escrever, você pode entrevistar um familiar de um homenageado, escrever uma história e usar esse formulário para adicionar ao Memorial.

B. Adicionar histórias já publicadas em outras plataformas dando crédito.

Você pode adicionar uma história que já tenha sido publicada em outras plataformas, com os devidos créditos e link para a plataforma original, usando este formulário.

Fonte: Memorial “Inumeráveis”

Figura 4 – Memorial “Inumeráveis”.



∞

Para familiares adicionarem uma história ao Memorial

A. Escrevendo diretamente no memorial.

Você pode escrever diretamente no memorial usando [este formulário](#). O conteúdo será revisado pelos nossos voluntários antes de ser postado.

B. Enviando um áudio via WhatsApp ou respondendo um questionário.

Você pode enviar um áudio para o nosso WhatsApp ou responder um questionário contando sobre a pessoa homenageada e um dos nossos jornalistas voluntários irá redigir um texto tributo e adicionar ao memorial.

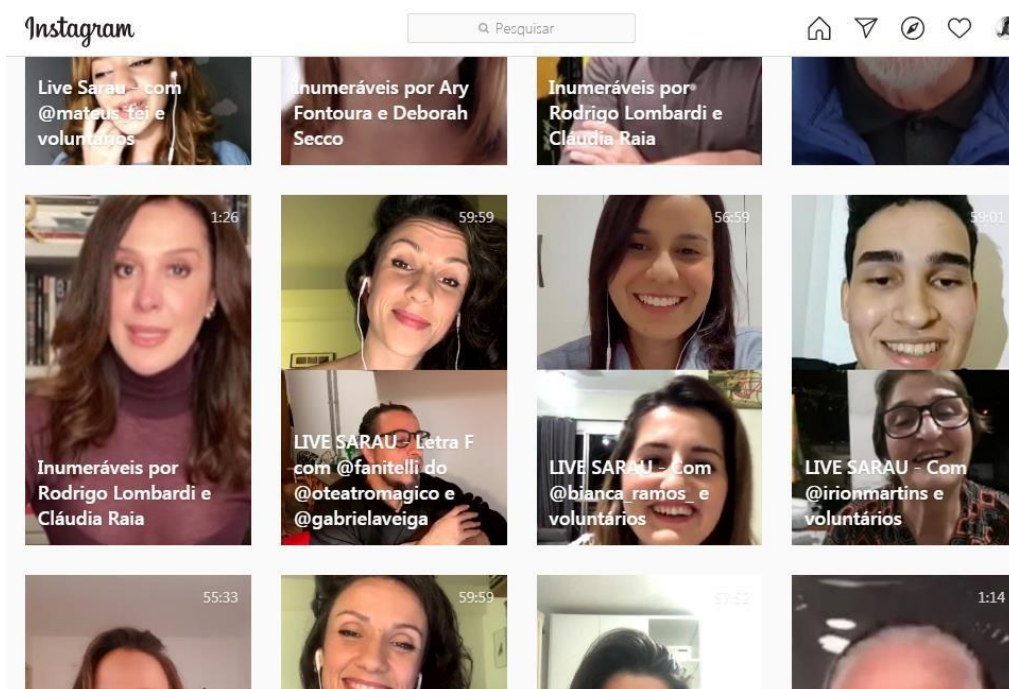
Fonte: Memorial “Inumeráveis”

O teórico em cultura José Bragança de Miranda estabelece relações entre net-ativismo artístico e casos de redes sociais digitais onde o usuário se apropria para disseminar as suas experiências, as quais se baseiam na relação com a interface tecnológica como elemento integrante da obra em si. (Miranda, 2010). Essas relações têm muito a ver com o projeto “Inumeráveis”, uma vez que usuário está de frente a uma grande lista de nomes que foi projetada com intenção de representar ao público o “poético e artístico”. Miranda tem feito estudos sobre a relação entre a cultura e o mundo do trabalho, perspectivando a questão do profissional por formas de transformação social.

Nesse sentido, entendemos que parte do objetivo do projeto só pode se dar se as pessoas tiverem acesso a essas histórias, se puderem ler e experimentar as emoções a que são colocadas a partir desses relatos, e se tratando de uma rede colaborativa, se puderem contribuir para construção dessas histórias, através do voluntariado.

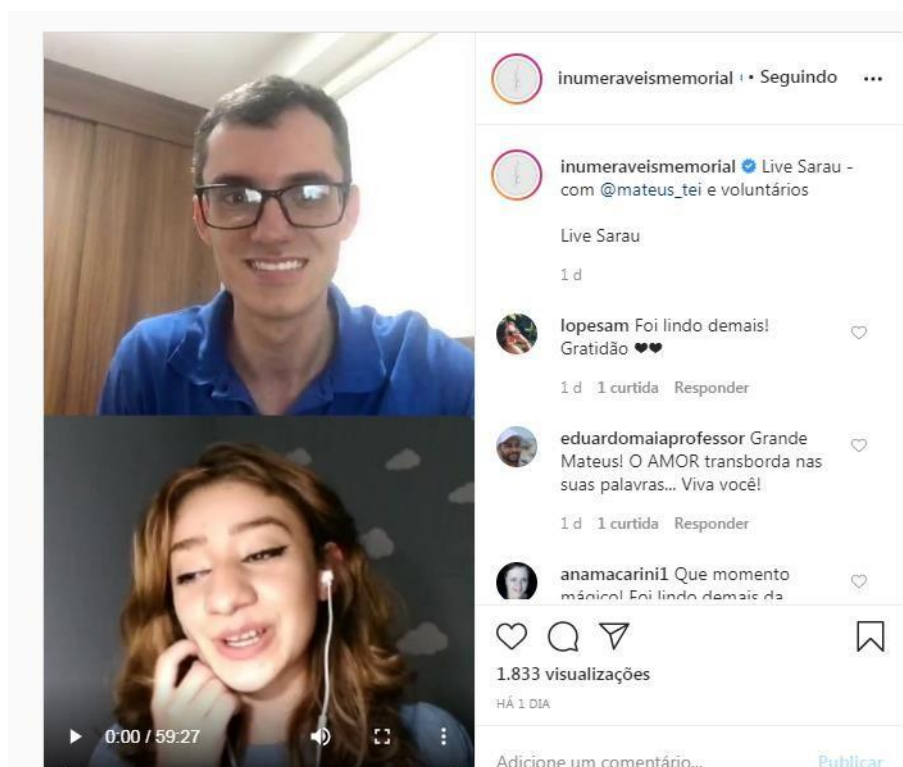
Dessa forma, a página do projeto “Inumeráveis”, criada na rede social Instagram, contribuiu para divulgação do memorial, assim como alcançava, agora, novos públicos. A conta possuía, em março de 2020, o expressivo alcance de 80 mil seguidores. Na página, começaram a ser disponibilizadas as narrações feitas pelos atores no quadro do programa Fantástico, através de um recurso do Instagram chamado “IGTV”. Os vídeos retirados do quadro do Programa Fantástico são breves; eles têm duração de cerca de 1 minuto. Outra narrativa surgida por inspiração do “Inumeráveis” é a da “Live Sarau”, que junta artistas, escritores e voluntários para ler e conversar sobre algumas histórias previamente selecionadas que estão disponíveis no site do Memorial. Durante as *lives*, as pessoas podem adicionar comentários e dessa forma promover interação entre elas e com os mediadores da conversa em questão. Como mostram as duas imagens abaixo:

Figura 5: Aba do “IGTV” Instagram Memorial “Inumeráveis”



Fonte: Instagram Memorial “Inumeráveis”

Figura 6: Instagram Memorial “Inumeráveis”



Fonte: Página do Instagram Memorial “Inumeráveis”

Jenkis (2008) nos fala sobre as possibilidades da convergência midiática, que é o que entendemos estar acontecendo nesses casos. O site faz uma transposição de alguns trechos disponíveis na íntegra do Memorial, porém, a partir dos recursos em vídeo e com a possibilidade da aba de comentários e compartilhamento que a plataforma proporciona, o que nos permitiu vermos a relação experiencial com alguns conceitos do autor como em relação às potencialidades deste novo ambiente.

Segundo Jenkis (2008), uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. Por isso, não definimos como convergência a página do Instagram apenas porque mudou a plataforma na internet. Porém, ao produzir a “Live Sarau” acaba abordando novos assuntos, e traz outras perspectivas sobre o mesmo tema, promovendo interação entre os públicos. É como desdobramento de um mesmo, em outras roupagens e dobras.

A convergência midiática (JENKINS, 2008, p.29) é um processo em andamento que se caracteriza como “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia”, “cooperação entre múltiplos mercados midiáticos” e “comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação”.

Tal conceito não trata apenas de aspectos de uma transformação tecnológica, mas comportamental, social e cultural, já que compreende o fluxo de conteúdos que ocorre através de múltiplas plataformas e a mudança de comportamento dos públicos que buscam migrar entre os meios de comunicação, em busca das experiências e informações que desejam obter.

A partir deste enfoque sobre as transformações sociais e culturais provocadas pela internet, a cultura da convergência prioriza a abordagem do papel fundamental do público nos processos comunicativos atuais, entendendo que classificar a mídia e o público em patamares diferentes e funções distintas não seria o mais adequado. Atualmente, é possível considerá-los como colaboradores em um novo sistema com regras próprias e que ainda não foram completamente definidas.

Nesta página do Instagram, também são selecionadas algumas histórias que se apresentam reunidas por meio de pequenas descrições sobre a pessoa homenageada, como por exemplo, o texto retirado do site escrito para Maria da Glória da Silva Souza, 35 anos:

- “Com suas mãos mágicas, mais do que artesã de objetos, foi uma artesã da vida. Brincava de tecer alegria. Era no seu lar que se sentia mais feliz. Ali era tanto o seu espaço de liberdade e acolhimento que uma de suas manias do bem era desfilar livre, leve e solta (nua) pelos cômodos da casa”.

Logo abaixo, consta a frase “Não é um número”, enquanto o link colocado na ‘bio’ (abreviatura da palavra biografia) do Instagram, a página faz chamada para visitação no site.

Figura 7 - Imagem da página no Instagram ‘inumeraveismemorial’ mostra a frase tributo escrita para Maria da Glória da Silva Souza.



Fonte: Instagram Memorial “Inumeráveis”

O jornal Zero Hora, pertencente ao Grupo RBS no Rio Grande do Sul, traz depoimentos de trabalhadores da área da saúde nos hospitais de Porto Alegre, capital do estado. Agora as histórias de enfrentamento à COVID-19 partem de outra narrativa, totalmente vista pelo olhar de quatro profissionais previamente selecionados a convite da GauchaZH, e que contribuem com suas vivências através do chamado “Diário do Front”): são depoimentos falando sobre os desafios que a pandemia trouxe para cada um deles, assim como o convívio com os pacientes e familiares nos processos de recupera o e tratamento hospitalar. O caso dessas narrativas não é objeto de estudo em nossa pesquisa, mas valem como espelhamento de como essa estratégia discursiva e narrativa vem tomando forma no jornalismo contemporâneo, não apenas no digital, mas também nos jornais impressos, como   o caso, nesse exemplo.

A título de ilustra o, a edi o de 06/07/2020 trouxe os depoimentos da enfermeira Isis Marques Severo, do Centro de Tratamento Intensivo (CTI) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre; de Roselaine Pinheiro de Oliveira, 53 anos, médica intensivista e chefe do Serviço de Medicina Intensiva Adulto, do Hospital Moinhos de Vento, e de Denise Matter, 45 anos, médica intensivista da Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Ernesto Dornelles e

André Luiz Machado da Silva, 43 anos, infectologista do Hospital Nossa Senhora da Conceição.

As matérias podem ser vistas no site da Gaucha ZH e no jornal Zero Hora nas edições semanais às quartas-feiras, escritas pela jornalista Larissa Rosso. Na matéria do dia 6 de Julho de 2020, os profissionais relatam as “alegrias que aliviam o estresse” em meio à correria do dia a dia na linha de frente da COVID-19. A matéria apresentava os relatos em colunas divididas para cada um dos trabalhadores e a intenção era estabelecer uma visão otimista do cenário em que estão inseridos, além de expressar os sentimentos, sensações, percepções e também, os anseios daquelas pessoas. Como por exemplo, o relato da Roselaine, médica intensivista, que comemora a saída de seu colega enfermeiro que teve alta do CTI: “Por ser um colega da nossa equipe, isso mexe muito com a questão emocional. Todos os casos nos tocam pelo lado afetivo, mas este foi um caso especial, por ser uma pessoa muito próxima a nós, que cuidou de muitos pacientes no início desta pandemia aqui no nosso serviço... Estamos muito felizes, foi motivo de festa”, afirma a médica, em edição de 8 de julho de 2020 à página de nº20 de Zero Hora.

Figura 8: Enfermeira Isis Marques Severo celebra a alta de um paciente internado no CTI.

ISIS MARQUES SEVERO 40 anos, enfermeira do Centro de Tratamento Intensivo (CTI) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre

“Teve alta paciente de 34 anos que esteve em estado muito grave”

6 DE JULHO
20h54min

“
Hoje tínhamos 67 pacientes no CTI covid - 63 com a doença confirmada e quatro casos suspeitos. Nossa manhã foi cheia de emoções e notícias boas. Teve alta do CTI para a unidade de internação uma paciente de 34 anos que esteve em estado
muito grave. Ela ficou 28 dias no aparelho de ventilação mecânica e, nesse período, chegou a ser pronada (colocada de bruços para melhorar a respiração) 11 vezes. Na saída da unidade, batemos palmas e ficamos emocionados. Com ela, foram as fotos de seus dois filhos, de 15 e 18 anos. Ela me contou que foi mãe jovem e que tem ainda muitos anos pela frente para curtir com a família. Ela foi rápida na forma de expressar
sua gratidão. Recebeu alta para o quarto e, uma hora e 30 minutos após sua saída, recebemos flores, chocolates e um cartão lindo, com a seguinte mensagem: “Meu muito obrigada à equipe de anjos da UTI do Hospital de Clínicas”. Recebi as flores em nome da equipe, na entrada da unidade, e cheguei a me arrepier. Caíram lágrimas dos
meus olhos. Um misto de felicidade por ela com uma sensação de dever cumprido e da importância do trabalho multiprofissional nos resultados positivos, como o de hoje. À tarde, participei de uma live nacional falando das práticas de cuidados aos pacientes com covid-19 que desenvolvemos na UTI
do Clínicas. Foi muito interessante a troca de experiência com outros profissionais do Estado e do Brasil. Agora à noite, eu e João Miguel, meu filho, faremos uma live com o Michel, meu marido, que está em São Paulo. João Miguel me perguntou se eu combati o coronavírus hoje. Eu disse que sim, que todos os dias a mamãe tem combatido o coronavírus e que, juntos, vamos vencê-lo.”



Fonte: Jornal Zero Hora

Na matéria do dia 03 de abril, do site da GaúchaZH, a médica intensivista Roselaine Pinheiro de Oliveira, contava sobre como se dá o contato com os pacientes em processo de recuperação, assim como as famílias que esperam e anseiam por respostas ao tratamento de combate ao vírus. Quando alguns pacientes com casos mais graves passam a apresentar melhoras, mas ainda não podem ser transferidos para os quartos, a equipe colabora para que a família possa ver o seu familiar por chamadas de vídeo em celulares ou tablets, todas devidamente liberadas pelo médico responsável, como apresenta a matéria em questão.

No trecho abaixo, a médica Roselaine fala sobre o desejo da filha de um paciente de poder rever os ‘olhos azuis’ do pai, vontade compartilhada em uma conversa que teve com a médica. “Nós também estamos muito felizes com a possibilidade de ajudar esses pacientes nessa retomada da vida deles, na retomada da saúde. Cada pequeno sucesso é um grande sucesso para todos nós”, afirma Roselaine, na matéria do dia 03/04/2020, do site GauchaZH.

A narrativa estabelecida pelo ‘Diário do Front’ é mais um exemplo de como a emoção pode ser incorporada, nesse caso, por um meio jornalístico tradicional do Rio Grande do Sul. A escolha editorial de entrevistar sempre os mesmos profissionais faz com que os textos tenham riqueza de detalhes; detalhes estes que possivelmente não seriam tão bem observados se os profissionais mudassem a cada nova matéria. A escolha feita pela Zero Hora de evidenciar a vida dos profissionais, dentro do hospital e fora dele, cria aproximação entre jornalista e fonte. Esse tipo de aproximação ocorre quando o jornalista estabelece, com o passar do tempo, certo tipo de ‘relação’ com o seu entrevistado. Ou seja, quero dizer que quando há este tipo de proximidade é provável que o texto contenha detalhes e pontos de vista mais detalhados por parte de quem fala.

Figura 9: Matéria ‘Diario do Front’ GauchaZH.

"De banho tomado e cabelo penteado, paciente recebeu visita virtual da família"

Dia 3 de maio: 22h43min

"Na sexta-feira (1º), um paciente apresentou uma alteração clínica bem significativa. Ele estava indo bem até então. De sexta para sábado, a situação ficou bem preocupante e nos exigiu uma tomada de decisões quanto aos exames que solicitamos.

Hoje de manhã, quando cheguei ao CTI, ele estava muito bem. Clinicamente estável, tudo muito tranquilo. Ele já estava sentado — a cama vira uma poltrona —, de banho tomado e cabelo penteado. Fizemos uma chamada de vídeo com a família dele — os dois filhos e a esposa. Ele bem lúcido, tentando se comunicar. Claro que não conseguia falar porque está com traqueostomia, mas estava respirando sem o respirador, só com oxigênio. A filha tinha me mandado uma mensagem, no sábado, dizendo que tinha lido o meu relato daquele paciente cuja filha tinha dito que queria voltar a ver os olhos azuis do pai (publicado nesta página em 29 de abril). Essa familiar então me disse:

Fonte: Site GauchaZH

Para efeito de análise, tomamos as experiências narrativas deste estudo de caso também pelo presumido impacto social promovido pelo site do Memorial “Inumeráveis”. Para isso, nos apropriaremos da definição de como a emoção, o *pathos*, para Aristóteles, interfere e carrega todo o discurso conduzido pelo espaço comunicacional do site. Para compreender a maneira com que o site impacta seus públicos através da linguagem, precisaremos falar sobre retórica. Para Meyer, (2007,p.21) Aristóteles define a retórica como a exposição de argumentos ou de discursos que visam persuadir. Segundo Meyer (2007) existem três componentes básicos necessários para que haja retórica:

“É preciso um orador, um auditório para qual ele se dirija, e uma mídia por meio da qual eles se encontrem, para comunicar o que pensam e trocar pontos de vista. Essa ‘mídia’ é sempre uma linguagem, que pode ser falada ou escrita, mas também pictórica e visual”. (MEYER, 2007 p. 22)

O Memorial “Inumeráveis” emprega uma retórica que visa persuadir através da emoção. O discurso se dá tanto nos enunciados do site, já citados anteriormente, quanto na linguagem que os criadores escolheram para empregar nos textos. As narrativas, a partir do Memorial, como o quadro composto por atores no Programa Fantástico, também potencializam e incorporam esse discurso através da emoção. Ao abordar os efeitos de diferentes tipos de retórica, Meyer (2007, pg.22) afirma que “a televisão e o cinema combinam os efeitos retóricos tirando partido da imagem, da música e da linguagem falada; daí a sua força”. Entendemos que este tipo de narrativa ao mesmo tempo em que libera as emoções que possivelmente estão em processo de cura e aceitação pelos familiares das vítimas, age como um ‘enquadramento’ das emoções justamente pela maneira que exerce o estilo de linguagem proposto no site.

Esse tipo de linguagem trabalha essencialmente com as paixões, emoções e/ou opiniões do auditório. Para Meyer (2007 p.38) “o *pathos* é o conjunto de valores implícitos das respostas fora da questão, que alimentam as indagações que um indivíduo considera como pertinente.” A paixão é, portanto, um poderoso reservatório para mobilizar o auditório em favor de uma tese. No caso desta pesquisa, consideramos que existe um conjunto de aspectos que o Memorial abrange para fazer valer o potencial da sua tese, que é a de enquadramento das emoções, e dessa forma, convencer seu público. Uma delas é na utilização do ‘Manual de instruções’, onde os voluntários são recomendados a seguir um

estilo de linguagem, definido pelos idealizadores como ‘não clichê’ e que tenha, essencialmente, uma escrita poética, ou seja, a escrita através da emoção é enfatizada pelo Manual.

O segundo aspecto, é, sobretudo, escrever o que possa vir a emocionar, palavras que sejam empregadas de maneira a nos causar diferentes sensações. Cabe ressaltar, que o contexto de pandemia em que estamos vivendo já nos atinge com angústias, tristezas, medo, tédio, e tudo que pode vir a ser causado pelo isolamento social que foi a orientação para proteção e resistência ao risco de contágio. Os leitores estavam, assim, permanentemente sob estado de alerta, emocionalmente atingidos, em menor ou maior grau, antes mesmo do contato com aqueles textos.

Para Aristóteles (apud Meyer, 2007, p.22) a retórica é uma questão de discurso, de linguagem e de racionalidade, cabendo ao *logos* este tipo de retórica. *Ethos, logos e pathos*, são os componentes da unidade da retórica; em grego “apocrítico” *logos* significa aquilo que responde, o que envolve. (Meyer 2007, p. 40). Tal análise diz respeito àquilo que o auditório responde, ou não, a partir de um tipo de retórica empregada, no caso de *pathos* existem três componentes que o comportam, sendo eles:

“as perguntas do auditório; as emoções que ele exprime diante destas perguntas e suas respostas; os valores que justificam a seus olhos essas respostas a essas perguntas” (Meyer 2007, p. 40)

Nesse caso, o auditório diz respeito a quem se fala a partir do Memorial “Inumeráveis”, os seus leitores e todos aqueles que vêm sendo impactados por estas histórias de uma forma geral. “O auditório é passivo, ele se submete ao orador como submete suas próprias paixões, termo cuja etimologia é precisamente *pathos*, em grego”. (MEYER, 2007, p.22).

Dessa forma, é preciso que um esforço por parte de quem fala seja feito utilizando-se dos meios necessários para atingir o objetivo que pretende com sua fala. Para Aristóteles (apud MATHEUS, 2018, pg. 109), em seu livro “Introdução à retórica no século XXI”, as provas artísticas do *pathos* “referem apelos emotivos e afetivos que colocam o auditório no estado emocional adequado”. O emocional adequado vai depender de muitos fatores para que o auditório seja comovido pelo discurso, que vão desde sua aceitação completa até à rejeição completa do que está sendo dito, o que de certa forma, o retira de uma absoluta passividade.

Mais do que mostrar ou fazer ver que a sua proposta é lógica e racional, o orador vai fazer sentir ao auditório determinada comoção. Não se trata aqui de afectar directamente o juízo do auditório, mas, sim estimular as emoções que irão influenciar a forma como determinado tópico será apreciado e julgado. No *pathos*, o orador explora as conexões entre o discernimento e as emoções. (MATHEUS 2018, p.109)

Há um impacto bastante intenso no sentido de representar essas pessoas através da palavra, da história, do conto de quem eram e o que deixam. Somos levados a vivenciar todas essas perdas, coletivamente, e o memorial “Inumeráveis” é um feito coletivo para vidas perdidas também coletivamente.

Ainda que este não seja um capítulo teórico, é preciso termos em conta, desde o princípio, a questão do gênero discursivo e narrativo que se encontra nessas modalidades de texto em relação aos episódios do luto da COVID-19. Nesse sentido, é que retomaremos a definição aristotélica de gênero para falar do gênero epidíctico, que diz respeito a uma linguagem atraente, agradável ao público. Este tipo de linguagem é utilizada de modo a fazer elogios fúnebres para descrever alguém que faleceu, por exemplo. Desse modo, Aristóteles afirma:

“Fazemos de modo a não colocar em dúvida a imagem do defunto; seja o que for que ele tenha feito em vida, aparamos as arestas e os problemas, o discurso é suave e, portanto, não pode ser se não belo e eloquente”. (MEYER, 2007, pg.29)

O gênero também pode ser empregado, conforme nos aponta Aristóteles (apud MEYER, 2007, p.29) em conversas cotidianas. Deste modo, o epidíctico age com polidez no sentido de anular as questões de diferenças entre as pessoas (idem). O autor dá o exemplo de uma conversa simples onde duas pessoas conhecidas se encontram e, de repente, perguntam uma a outra: “tudo bem?”, e reflete sobre o fato de que dificilmente estamos interessados na resposta, e a pessoa que responde, provavelmente, não irá dizer se realmente está bem ou mal. Nesse sentido, podemos entender que há um consenso entre as partes em ‘manter as aparências’ para que não haja nenhum confronto ou desconforto entre as partes envolvidas. Trata-se de uma pergunta retórica.

Aristóteles sublinha a importância desta oratória cerimonial e embora ele não o refira, é de salientar o papel potencialmente agregador dos discursos epidícticos de louvor. Encontramo-los, na actualidade, nos encómios e homenagens que, por exemplo, os grandes actores, cantores e desportistas recebem. Quando uma rua recebe o nome de uma destas personalidades, iremos com certeza escutar uma retórica epidíctica centrada nos feitos alcançados e nas honras que esses feitos trazem à sociedade. (MATHEUS, 2018 p. 99)

Para discutir o que esse tipo de narrativa e linguagem empregada pelo Memorial “Inumeráveis” de fato representa, se faz necessário compreender um processo onde a memória é parte primordial para construção destas histórias. Nesse caso, a memória que os familiares e/ou amigos destas pessoas pode resgatar para compartilhar com o entrevistador, e em outros casos, para poder escrever diretamente no site.

Esse resgate faz parte de um processo que, segundo Santos (2016), emprega efeitos de memória. O autor realiza uma interpretação sobre relatos de auto enunciação no sentido de compreender os processos de linguagem que levam o sujeito a falar o que fala, a interpretar e retomar sobre a própria vida. Contudo, as histórias escritas no Memorial dizem respeito à vida de outro, aquele alguém próximo que partiu, portanto, narrada pela visão de um sujeito sobre alguém.

Aquela pessoa que fala retoma fatos de seu passado não necessariamente como aconteceu, ou seja, para Santos (2016 p.141) “o sujeito se apropria de uma série de interpretações e (re) significações sobre o passado, que podem ser reais ou imaginárias, onde ele vê a si mesmo e ao outro através de um crivo histórico”- que é, em tese, o que faz um jornalista. Portanto, segundo Santos (2016) este sujeito emprega efeitos de memória a partir do que ele mesmo interpreta sobre a sua vida, e sobre o papel dos outros na sua história, “integrando e constituindo valores que fazem parte de seu imaginário discursivo”. (SANTOS, 2016 p. 142)

Dessa forma, retomamos ao Memorial “Inumeráveis” entendendo que as histórias ali contadas já passaram por uma ‘seleção’ prévia na memória daqueles que a contaram, por isso, existe um filtro ainda maior quando entram em contato com o site ou com o entrevistador; o que é visto ali são fragmentos estritamente selecionados pelo ‘Manual de instruções’ do site, pelo papel do revisor, sobretudo, pela própria memória e re (significação) dos sujeitos. No entanto, ressaltamos que não cabe neste capítulo dizer se há insuficiência ou não na

linguagem escolhida pelo Memorial, mas sim, compreender e estabelecer conexões sobre os mecanismos comunicacionais e de linguagem que se mostram no site.

A COVID-19 expôs de forma dramática, segundo o psicanalista Norton da Rosa Jr (2020) novas formas de solidariedade. Enquanto em plena Avenida Paulista vimos várias pessoas dançando, cantando e sorrindo em volta de um caixão, convocando a abertura do comércio, inspiradas em um meme de um velório africano, o país vivia o luto de mais de uma centena de milhares de mortes. É um desvio de valores e dos contextos sociais, éticos e culturais. Na África, sobretudo em Gana, a dança em um velório honra a vida de quem é reconhecido por sua existência e a performance estética celebra o respeito. Mas na Paulista, o velório foi perversamente encenado numa estética que zomba da morte.¹⁴

O direito ao luto (impossibilitado nessa Pandemia) e o reconhecimento do sofrimento das famílias (negado nesta Pandemia) foram a diferença entre a estética da vida e a estética da morte. Hannah Arendt, em *Eichmann em Jersusalém* ensina que o mal que habita a nossa incapacidade de pensar e de nos responsabilizarmos por nossos atos se faz objeto de uma burocracia que nos impede a empatia. Estudamos sobre Arendt nas aulas de Filosofia da Comunicação.

A partir disso, compreendemos que para realizar este estudo, era preciso levar em conta os processos humanos, no que diz respeito à ressignificação simbólica do luto, tendo por base as narrativas sobre a COVID-19 no Brasil. Além disso, buscamos os aspectos que formam a memória no sujeito, a partir de como a sociedade lida com as emoções contemporaneamente, essencialmente, porque nos estimula analisar a sensibilização dos sujeitos e uso da memória destas pessoas para construir um tipo de argumentação, que é o caso do Memorial “Inumeráveis”, objeto central de estudo desta pesquisa.

2 O PERCURSO DAS EMOÇÕES NA LINGUAGEM: VÍNCULOS POSSÍVEIS COM A COMUNICAÇÃO

Este capítulo trata de conceitos gregos a respeito das emoções e busca na história os estudos que ajudam a compreender como foi sendo construído esse saber por pensadores em

¹⁴ Norton da Silva Jr, 2020. in: ZERO HORA, 29 e 30 Ago. p.9. (2020) “A Morte Banalizada”

cada época, no objetivo de construir uma compreensão sobre o percurso das emoções na linguagem, bem como descreve vínculos possíveis com a comunicação, via afetos, percepções e outros elementos do fenômeno a que nos propomos analisar com o Memorial “Inumeráveis”. Emoção tem a ver com o que é *catarse*, do grego *Katharsis* que significa purificação, termo definido por Aristóteles (322 a. C a 384 a.C), e que foi citado em sua obra “Arte poética”¹⁵.

O processo catártico só pode se dar através de “mimese”¹⁶, que Aristóteles defendia como sendo algo que gera prazer para si e para o público por efeito de reprodução (ou imitação). Segundo o filósofo grego, a *catarse* existe quando somos tocados por algo que gera comoção emocional, e por meio desta, podemos alcançar um patamar de êxtase. Foi particularmente no teatro grego que este conceito pôde ser empregado: através da *tragédia*, o público experimentava, então, as sensações advindas das representações dos atores, e com isso, podia criar um vínculo que incitava admiração confiável e eterna.

Na Poética, mimesis é imitação e representação, e corresponde a um processo de construção através dos meios, objetos e modos, dos quais decorrem as diferentes espécies de poesia. Os meios são apenas um dos aspectos, pois o objeto da mimesis são homens em ação, cada qual com seu caráter: melhores, piores, iguais ou comuns. A mimesis pode ser produzida em modo narrativo ou dramático e explica-se pela tendência do homem a contemplar, conhecer e reconhecer (identificar a forma original). (Costa apud ARAUJO, 2011 p. 78)

Segundo Aristóteles, por meio da arte nós alcançamos a *catarse*, e especialmente através do teatro, o público seria levado por um momento de vivências profundas geradas por identificação, sobretudo, porque a *tragédia* foi definida como a imitação de ações humanas. O filósofo acreditava que somos seres que imitamos por natureza, e a construção do enredo trágico precisaria de histórias com verossimilhança, que tivessem necessidade de existir a partir da própria história, para que só então, fossem realmente capazes de emocionar.

Na prática, segundo Araujo (2011) funciona assim: à medida que uma imitação de nossas emoções se vê reconhecidamente figurada, então, realizamos a *catarse*, extravasando a emoção pessoal por meio do êxtase de vê-la representada, à medida que a reconhecemos e

¹⁵ A poética de Aristóteles sob a abordagem de Lígia Militiz da Costa. Kalíope, São Paulo, 2011.

¹⁶ Mimese, mimesis ou mimésis (em grego: μίμησις, mímēsis), é um termo crítico e filosófico que abarca uma variedade de significados, incluindo a imitação, representação, mímica, imitatio, a receptividade, o ato de se assemelhar, o ato de expressão e a apresentação do eu.

nos reconhecemos nela. Nesse sentido, nos purificamos, por assim dizer, de nossos sentimentos. Ou como se diz, popularmente, “colocamos a emoção para fora”.

Interessa, ao nosso trabalho, o alcance que conceitos como de mimese e de catarse, e de *pathos*, nos permitam perceber sobre como, na esfera contemporânea, na qual nosso objeto de estudo está inserido (a manifestação mediática da experiência do “Inumeráveis”), a comunicação se constitui enquanto um fenômeno emotivo.

Os conceitos da época clássica grega tratavam sobre um público de vinte e três séculos atrás e que, embora sirvam como base teórica para esta pesquisa, eles precisam ser obviamente pensados na realidade contemporânea e, de certa forma, atualizados. O que intencionamos é compreender como uma comunicação emotiva tem hoje a força de catarse e mimetização tão semelhante (ou não) a como historicamente entendemos a emoção em nossa civilização e cultura.

A concepção de representação a partir de histórias e os efeitos subjetivos e práticos que a emoção pode causar nas pessoas, nos oferecem a conexão necessária para que possamos refletir sobre como esta emoção se comporta enquanto um elemento comunicativo. Para tanto, precisamos pensar na empregabilidade da emoção na linguagem, em como ela se constitui, como se estabelece e como visa atingir objetivos distintos, a depender sobre o que e para quem estiver direcionada, mas, não somente isso, pois a linguagem tem a função essencial de criar vínculos e conexões, de carregar símbolos ou de interpretá-los, a depender também do contexto social em que esteja colocada.

Nos interessa abordar os conceitos que tratam sobre as afetividades na linguagem, sabendo que há uma gama de estudos que buscam entender o que seria a estrutura linguística das emoções e que, em suma, visam apresentar os percursos do que acontece na construção de uma história ou fato, seja de maneira escrita ou falada. Segundo Bakhtin (1929, p.85), não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas, verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. Ou seja, para este autor, a linguagem parte de uma ideia da prática das situações; expressamos algo que não diz respeito ao que a palavra significa no dicionário, mas, pelo o que de fato pretendemos causar enquanto interagimos com os outros. De certa forma, equivale ao que Peirce chamou de signo. Nos comunicamos por signos e não por palavras. Esta concepção será fundamental

para entendermos que emoção é, acima de tudo, um efeito que se produz pela linguagem numa situação comunicativa, ou seja, um efeito “sobre os outros”. Fazemos coisas com a linguagem e através da comunicação, e uma delas, é emocionar pessoas.

Ducrot (1984) diz que a depender do intuito do discurso, a orientação dos sentidos afetivos de um termo ou palavra pode variar a partir do objetivo do indivíduo, que escolhe em posição de fala se deseja produzir os efeitos de emoção.

O estudo de Gabriele Rosenthal, sob o título “História de vida vivenciada e história de vida narrada”(2014) nos apresenta de forma bastante clara as diferenças entre a experiência de recordar - ato que fazemos ao buscar na memória um dado acontecimento, e narrar - quando nos colocamos como sujeito ativo ao nos voltarmos sobre determinada lembrança no passado. O elemento nostálgico, o passado, tem sabidamente forte apelo emotivo e um poder especial de afetar nossas sensibilidades. Também por este aspecto, nos pareceu que a experiência comunicacional do objeto que aqui analisamos se deu de forma intensa, à medida que seu espectro é de fato uma reminiscência, isto é, uma recordação, sobre o que aquelas pessoas mortas pela COVID-19 foram e suas memórias e lembranças deixadas, ali sendo por assim dizer, “recordadas” e capazes de, quando vivenciadas, construírem uma emoção na situação comunicativa e não apenas de carregá-la.

Rosenthal (2014) aponta que existe uma sequência da vivência e uma sequência da recordação. A pesquisadora conclui que se pode contar diversas vezes sobre uma história, sem sequer de fato recordar verdadeiramente. Nos textos biográficos e autobiográficos feitos a partir de entrevistas, ela percebeu que, muitas vezes, os entrevistados narravam histórias de décadas atrás, e por isso, concluiu que, possivelmente, já teriam sido escritas e narradas a outras pessoas, provavelmente, diversas vezes. Isso reforçaria o elemento da redundância na construção da emotividade em comunicação.

“Partindo, inicialmente, da percepção de que as vivências narradas se referem a lembranças que se apresentam no processo narrativo, essas lembranças não se referem a um estoque de memórias que contenha lembranças firmemente armazenadas ou fixadas. Pelo contrário: o presente da narração ou escrita biográfica define o olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado recordado específico em cada caso.” (ROSENTHAL, 2014 p. 229)

Existe, segundo Rosenthal (2014), um fenômeno que está ligado especificamente à temporalidade e à sequência. O que está sendo dito nem sempre seguirá a sequência exata do

que realmente aconteceu no passado, assim como a pessoa pode atribuir vivências de outras, ou então, omitir partes da história. Além disso, pode contar sobre uma ação de forma basicamente mecânica, sem de fato perceber, pois sabemos que nossa memória se modifica com o passar dos anos e internamente fazemos escolhas, conscientes ou não, sobre o que deve permanecer e o que deve ser esquecido.

Isso na verdade, não importa. O que parece significativo no campo conceitual desta experiência é que, seja como for, a emoção da linguagem provoca afetamentos que não estarão nem no receptor nem no emissor, mas na situação comunicativa, como uma experiência mesmo de produção de sentidos.

O jornalista, por exemplo, depende essencialmente do papel das fontes para escrever, produzir e contar sobre uma história; faz parte do fazer jornalístico a escuta ativa e os questionamentos à fonte. E em um dado momento, ele precisa entender que esse resgate da lembrança acaba por ser transformado, recontado. Isto é, por mais próximo que essa pessoa esteja do fato acontecido no passado, precisa contar com a sua memória, e que nem sempre essa tratará com a verdade, com o que é fidedigno, por mais que essa seja a sua intenção inicial. Essas percepções são carregadas de valores novos, e por isso, contadas como um relato de resgate, sobretudo, aparecendo como uma nova interpretação da história. O jornalismo não é comunicação, como bem define Rüdiger (2006), mas serve de instrumento a ela. Da mesma forma, o teatro e todas as mídias.

Para Rosenthal (2014, p. 232), é preciso distinguir entre o passado vivenciado e o narrado, mesmo que esses níveis não possam ser separados um do outro ou todo passado apresentado no presente seja condicionado pela perspectiva do presente e, inversamente, o presente seja determinado pelo passado.

A narração oral ocorre numa interação concreta com um ou mais públicos, enquanto a narração escrita ocorre visando interação com um público (ao menos imaginado). Falar das lembranças se constitui pelos enquadramentos negociados enquanto ocorre a interação. (ROSENTHAL, 2005, p.40). Nesse contexto, começam a aparecer o enquadramento e a interação, deixando sempre posta a ideia de que só podem se dar porque há alguém que narra e alguém que ouve, alguém que conta buscando nos vestígios do tempo aquilo que julga ser pertinente, e em alguns casos, aquilo que pode servir para informar um público em questão.

Especificamente sobre enquadramento e conforme Gomes (2018) temos que toda história tem quadrículos nos quais as ações são descritas e que funcionam como sendo uma moldura mesmo do campo da visão de quem narra os acontecimentos. Nesse sentido, funciona como um recorte.

O estudo sobre as emoções na linguagem, no século XXI, estabelece que de fato há um processo linguístico que precisa ser levantado. Algo que diz respeito ao que realmente quer ser vivenciado comunicacionalmente e isso acontece, justamente, porque a linguagem não está enquadrada somente no que as palavras significam, mas, pelo que os sujeitos atribuídos de valores - sociais, morais e culturais - desejam comunicar.

Nas situações concretas e vivenciais, aquele que fala serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas e, por isso, o centro de gravidade, para ele, não está na conformação da norma ou na utilização de um recurso linguístico específico, mas no novo sentido que cada forma pode adquirir no contexto da enunciação. (ROSENTHAL, 2010, p. 103)

Conforme Bakhtin (apud ROSENTHAL, 2010) o ato comunicativo, para o interlocutor, parte de uma ideia de que ele precisa criar uma figurativização para alguém, e de que não é necessariamente importante o fato dele se sentir triste ou alegre, porém, o uso de signos linguísticos que vão criar a figura da pessoa triste ou alegre naquela circunstância de comunicação. Em outras palavras, é a ambientação que conta.

Falar sobre o processo de ser um personagem que constrói narrativas sobre emoções e “afetos”, como acontece no cinema, com a fotografia e a literatura, por exemplo, é o desafio que faz Denilson Silva, no capítulo “Sensações, afetos e gestos”, do E-book: “Narrativas Sensoriais” (2014) trazer outras considerações históricas relevantes. Para o autor, os anos 60 e 70 do século XX foram marcados por uma virada linguística a partir da centralidade da linguagem, do discurso e do texto. Já os anos 80 e 90 tiveram uma expressiva virada cultural, que buscou repolitizar os textos e práticas amparadas pelos estudos culturais, pós-coloniais, étnicos e de gênero. Por isso, o autor julgou necessário pensar um conceito que fosse mais claro sobre o que nomeou como “virada afetiva”, ressaltando a importância de empregar essa nomenclatura para tratá-la com mais seriedade. É posto um apelo para buscar discutir de que forma os afetos colocam questões para a arte (SILVA, 2014).

O que são afetos e o que é a emoção? Essa questão é crucial para o autor no sentido de que separando os conceitos, pode-se visualizar e definir com maior objetividade o que significam. Com Silva (2014, 64), poderemos entender que “não se trata de pensar o afeto no autor nem no receptor. Não se trata de uma aproximação com estudos de recepção nem com estudos dos processos de criação”.

Denilson Silva (2014) insere-se numa linha de estudos chamada de estética da comunicação e fala que: “o afeto está na obra, emerge dela”. A partir dele é que entendemos que vai além de simplesmente categorizar do que e como uma obra é composta, mas saber que ela é um emergir, fazer aflorar algo, por se portar como elemento que por assim dizer, manifesta.

Silva (2014, p.63) traz à discussão a ideia de que afetos são “forças corpóreas pré-individuais que aumentam ou diminuem a capacidade do corpo em agir”, enquanto que a emoção teria uma natureza mais individual, e é vista por alguns autores como algo que privilegia o sentimento como expressão consciente de um sujeito. Nesse sentido, os afetos têm mais a ver com o subjetivo, com as experiências que acontecem no contato com a obra, o que nos parece ter forte vinculação com os objetivos de nossa pesquisa sobre o Memorial “Inumeráveis”.

Para Deleuze, os afectos são devires não-humanos. Afectos¹⁷ que podem emergir, em conjunto com perceptos, “as paisagens não humanas da natureza” (idem), entre pessoas, espaços, coisas, portanto mais em sintonia com as configurações de uma subjetividade pós-humana, que desconstrói a centralidade do homem, presente na arte, desde a perspectiva renascentista ao teatro naturalista(...) (SILVA, 2014, p. 63)

E aqui é importante fazer a relação entre Estética e Comunicação, e de que forma dialogam entre si. Embora a estética pertença ao ramo do estudo das artes, para nós, é primordial trazê-la, pelo viés da Filosofia da Comunicação, pois existem ligações estreitas entre esta e os afetos, as emoções, e os efeitos que acontecem em narrativas comunicacionais. Também porque o nosso objeto de estudo é muito o mesmo como aparece bem definido pelo artista plástico Edson Pavoni, que toma o afeto como uma obra de arte em construção e que foi pensada junto com jornalistas e demais colaboradores.

¹⁷ O termo afetos aparece às vezes com a redação no português de Portugal, “affectos”.

Por isso, trazemos aqui partes da entrevista de Padovani concedida ao *El País* (2020), às jornalistas Carla Jimenez e Marina Rossi, em agosto de 2020. Enquanto buscamos fazer conexões com concepções de estética e comunicação vistas por alguns autores, e percebermos o que há de comum entre ambas, o que podemos, em um primeiro momento observar, a partir do que pretendia cumprir o Memorial segundo Pavoni idealizou, é o que tentaremos descrever a seguir.

Nessa entrevista, Edson Padovani fala sobre as motivações quando pensou em criar o Memorial, as preocupações em encontrar a mensagem que realmente lhe interessava como criador artístico, mas, também sobre contar as histórias de forma poética e jornalística, que fugisse dos números que visavam informar, porém, assustavam à medida que aumentavam a cada dia nos boletins dos jornais país afora.

Isso parece confirmar por si só uma preocupação com o sensível, com o que vinha sendo criado para e sobre essa comunidade, partindo do senso de que todos nós fazemos parte de uma engrenagem social. Não precisamos, necessariamente, pensar a estética a partir de uma obra de arte, por exemplo, no entanto, esse ponto de vista contribui para o trabalho de pesquisa, sendo esta uma construção que faz ligações com elementos de outras áreas do conhecimento e que nos possibilita enxergar através de diversos ângulos. Schaeffer (2000) propõe uma abertura da questão estética para além das obras de arte, afirmando ser preciso pensá-la também nas linguagens comuns do cotidiano utilizadas pela mídia.

“A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva.” (JAUSS apud MARTINO 2002, p. 69). Por isso, o sentido da mensagem se trata de uma múltipla conciliação entre emissores e receptores, pois estes estão rodeados de um mesmo universo de significados.

O que buscamos é, justamente, compreender esses significados que se mostram para nós como uma estética do sensível, acontecendo como um evento por si só. Silva (2014) (apud DELEUZE & Guatarri 1992, p.222) traz uma questão que afirma tanto perturbá-lo como estimulá-lo quando diz: “se o artista é um criador de mundos, ele será grande na medida em que seja inventor de afetos não conhecidos ou desconhecidos”.

Por isso, o artista criador é capaz de causar nas pessoas afetos que nem elas próprias são capazes de imaginar, por vezes já experimentaram determinada emoção ou sentimento, mas, é somente no ‘viver a obra’ que a constatação do que acontece pode ser experienciada interna e corporalmente. Edson Pavoni diz que quando pensou na realização desse projeto, uma questão lhe veio à mente diversas vezes: “será que faria bem para as pessoas retomar essas histórias?” E observou que logo nos primeiros entrevistados havia certa “alegria” - em suas palavras - após o final da conversa que retomava as características de vida dos familiares que partiram. Os feedbacks após a publicação do texto no Memorial também foram significativos, na medida em que as pessoas se mostraram gratas e satisfeitas por verem o resultado final lançado no site. “Para mim, pareceu que um pedaço da cura daquelas pessoas estava acontecendo”, afirmou, para o site do *El País* no dia 19 de agosto de 2020.

Outras questões também foram compartilhadas por ele, por exemplo, o medo de falar sobre a morte e de levantar questões que são tidas como tabu na nossa sociedade ocidental. “Fica um silêncio da pessoa que foi embora, até que você entenda que esse processo precisa se dar dentro de você”, diz ele. A maneira que lidamos com a morte de fato pôde ser pensada, não só pela situação de que os familiares não podem velar seus entes, mas igualmente, porque nos fez repensar conexões dentro de nós mesmos.

Uma linha importante dessa entrevista foi a discussão sobre o papel da memória e da arte, da vivência do luto coletivo, do entendimento de que estamos no mesmo cenário de que se encontram as animosidades do contexto social e político do país, que colaborou para que os brasileiros se sentissem incapazes de trabalhar em prol de um bem comum. Pavoni (2020) disse que o Brasil tem questões urgentes que precisam ser trabalhadas, como a discrepância social que assola o país, e que por isso, “memória e arte ainda vão estar abaixo desse ponto”. O artista acredita que enquanto as pessoas não puderem ter seus direitos básicos assegurados, como saúde, educação e emprego, por exemplo, não terão tempo para se dedicar a pensar, consumir e fazer arte. O que contribui para que a memória artística do Brasil seja uma pauta secundária na vida da população; ele atribui isso ao poder público.

“Fico com a sensação de que o estado não ajudou nada do ponto de vista simbólico”, ressalta o artista, ao ser questionado pelas jornalistas se o poder público poderia ter dito iniciativas como a sua, visando projetos que se dediquem a pensar o impacto de tantas perdas para a população.

Edson Pavoni e a jornalista Alana Risso foram parceiros na elaboração desse projeto, trabalharam juntos desde o começo pensando em todo mecanismo que iria compor o Memorial. Contaram que foram chamados para dar entrevistas a diversos canais de TV, pois estes mesmos profissionais necessitavam mostrar outro viés, contar a partir de uma nova perspectiva.

Muito se tem falado sobre o papel da arte para as pessoas em tempos de pandemia, sobre os diferentes tipos de consumo de arte que sentimos falta. O cinema, o teatro, as exposições nos museus e o contato com um mundo onde podemos experimentar, por portar atributos de sentido, de beleza e horror, por exprimir, retratar ou figurar sentidos. Por isso, Pavoni (naquela entrevista) fala também sobre o aspecto político que a arte carrega, e por se interessar em criar arte em locais públicos, com fluxo significativo de pessoas. “A arte cura e te dá um caminho para curar coisas simbólicas dentro de você. Tem uma corrente, uma vontade de significar. E acho que a arte tem esse papel para nós”, ressaltou. Não teria isso também o jornalismo?

O artista pensa em criar um Memorial físico na cidade de São Paulo, onde quer tornar um lugar de transformação em contato com a natureza. Encerra a entrevista dizendo que enxerga a obra como um território de que as pessoas podem se unir se elas quiserem, fazendo alusão ao cenário político polarizado em que vivemos no país. Na última semana de abril de 2020, por iniciativa de vereadores, iniciou-se um debate público em São Borja cuja intenção é justamente a criação de um Memorial na cidade, virtual ou não, que possa cumprir a mesma função do “Inumeráveis”. A iniciativa se multiplica e se redimensiona de múltiplas formas em todo o país. Tributos semelhantes são conhecidos no resto do mundo. Isso deve significar alguma coisa, não apenas em termos de comunicação e de cultura, mas sobre o humano.

Ciro Marcondes Filho (2019) falava sobre “acontecimento” comunicacional, tirando o foco do que refletem os produtos finalizados, as obras, os discursos e objetos. O autor se esforçara no sentido de pensarmos a afetividade na medida em que as sensibilidades dos sujeitos possam ser ativadas no processo de interação do ato de consumo. Para ele, as afetividades não estão na obra em si, mas na interação, sobretudo, interna que é feita entre a pessoa e o objeto, não o simples fato desses elementos existirem em si que são sensíveis, mas quando e quanto são capazes de nos despertar para o sensível que comportam.

Por isso, discutir estética não é uma questão de referir-se à qualidade da produção das coisas ou dos eventos em si; é sim, entender como o sujeito percebe a comunicação de determinado fenômeno.

Para Martino; Marques (2015), a experiência do contato com a obra não se encerra somente nisto, mas na relação entre o objeto e a sua contemplação: a estética, para ele, aqui, não é uma questão de simplesmente receber algo, e sim, de experienciar. A emoção é, sobretudo, uma experiência comunicacional e não a invocação de um sentimento. É uma experiência, portanto, de afeto.

Segundo Deleuze e Guatarri (1991, p.87) “os afectos transbordam as percepções comuns” por isso, os afetos que temos nesse processo de experienciar valem por si mesmos, não necessitam de uma interpretação ou vivência, são em si significativos. Estamos falando de agentes humanos que comandam as suas próprias relações, mas, que nem sempre estão conscientes dos elementos que podem encontrar, nem mesmo que por vezes podem estar fazendo parte de um tipo de experiência comunicacional. Apesar de sabermos disso no âmbito da comunicação social - aqui me coloco como jornalista em formação e também sujeito - não controlamos tudo que vamos sentir, estamos diversas vezes frente a um ambiente que pode nos despertar sensibilidades, a depender do que está em jogo, em outras palavras, se o cenário estiver propício para que tudo ‘aflore’. Portanto, não é uma questão de ter consciência de que as coisas existem para que elas deixem de nos ‘afetar’ verdadeiramente, porém, saber que estão ali, independente de nossos julgamentos e percepções comuns.

E por isso podemos dizer que afetos não são sentimentos, sobretudo, são agentes na produção de sentido que carregam, por darem andamento aos eventos que criam e conduzem, e por terem a capacidade de agenciar diferentes estímulos em nós, independentemente se pretendiam causar isso ou não.

É na perspectiva histórica que podemos enxergar os cenários que criaram a sociedade que vivemos hoje. Os mecanismos que se deram no âmbito social, político e cultural para que novos conceitos precisassem vir à tona e pudéssemos pensar e viver não mais de forma meramente eficiente, como nos anos de 1750 a 1950, período que durou a sociedade

industrial. Os estímulos se voltaram para uma construção de sociedade da informação e do conhecimento, sendo estas propulsoras na democratização do saber.

Para nós, é essencial esse apanhado histórico, pois é ele que nos dá o entendimento do nosso cenário atual, não seguindo por uma linha reta de acontecimentos, mas, entendendo que a história é cíclica, retoma e reconstrói as suas práticas.

A jornalista britânica Sally Burch (2005), diretora executiva da Agência Latinoamericana de Informação (ALAI), reflete sobre os impactos das mudanças trazidas pela sociedade de informação que vivemos, e deixa a seguinte questão: “estamos vivendo uma época de mudanças ou uma mudança de época?” Segundo ela, as políticas para o desenvolvimento dessa sociedade devem ser centralizadas nos seres humanos, dentro de um contexto de direitos humanos e justiça social.

Para a jornalista, as políticas da sociedade da informação assumiram a função de "embaixadora da boa vontade" da globalização, onde os “benefícios” poderiam estar ao alcance de todos, caso fosse possível amenizar o “abismo digital”.

Burch se preocupa em pensar uma sociedade que possa usar as tecnologias a seu favor, sem que se fique presa a regras tecnológicas excludentes, que afastem as populações menos favorecidas. “Isso implica também reafirmar o interesse de que cada sociedade se aproprie das tecnologias para suas prioridades particulares de desenvolvimento e não que deva se adaptar a elas para poder fazer parte de uma suposta sociedade da informação pré-definida”.

Apostamos em uma sociedade onde a informação seja um projeto de bem público, não uma mercadoria, a comunicação um processo participativo e interativo, o conhecimento uma construção social compartilhada, não propriedade privada, e as tecnologias um suporte para tudo isso, sem que se convertam em um fim em si (BURCH, 2005, p.8)

A sociedade do conhecimento é marcada fortemente pelo empenho do mercado capitalista em ‘formar pessoas’ capacitadas, que desempenham vários serviços e dominam o maior número de áreas do conhecimento possível. As pessoas precisam se instruir cada vez mais para que possam estar aptas a esse cenário competitivo. Se isso não for feito, é possível que não consigam mais sobreviver ao mercado, e que passem a ficar ‘para trás’. A nossa

pesquisa requer que entendamos como funciona esse sistema informacional, na medida que com ele surgem novas formas de fazer comunicação, também porque a partir disso, surgem iniciativas para que comunicadores independentes criem espaços colaborativos de trabalho, como é o caso do Memorial “Inumeráveis”.

Pensamos em como a sociedade pós-industrial, da informação ou do conhecimento estão sendo expostas a um ‘estresse informativo’, onde os meios de comunicação, a internet e a difusão da mídia têm papel constante em nossas vidas. Para a filósofa Maria Tiburi (2017) se tentarmos nos desligar desse fluxo informativo, nos sentiremos isolados e teremos a impressão de que não vamos dar conta de ficar longe da informação. Por causa disso, sentimos que já não podemos nos manter distantes dessa constante, nos adaptamos ou seremos ‘engolidos’ por ela.

Para Bauman (2008, p.20) “na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável”.

Um dos principais argumentos de Bauman (2008) é de que o consumo transforma os consumidores em mercadoria, sendo esse o nosso centro de vida social. Para o autor, é esse consumo que vai organizar a vida das pessoas e determinar expressamente as relações e a forma com que as pessoas veem a si mesmas e aos outros. O Memorial “Inumeráveis” é, de certa forma, uma maneira de transformar os sujeitos, de criar uma fórmula para encaixar todas as histórias, mesmo que indo na contramão da constante contagem numérica; é uma alternativa que se encaixa no conceito de torná-los consumíveis, pois como diz Bauman, esse é o centro da nossa vida social.

Criamos uma figura para as pessoas, e elas idem, no sentido de que todos estamos tentando ‘vender’ alguma coisa, seja nossa própria imagem ou algo palpável, um produto físico. Vendemos também emoções.

“O consumo é uma condição e um aspecto permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos” (BAUMAN, 2008 p. 37)

A indústria cultural e a cultura de massa, dadas na Escola de Frankfurt (1924) na Alemanha por Adorno e Horkheimer, já tratavam sobre os produtos culturais massificados. Produtos que são feitos para serem vendidos, mercadorias para serem consumidas de forma com que as pessoas não sejam estimuladas a refletir de fato sobre o que estão absorvendo”. Quando os produtos são feitos de forma massificada há uma fórmula para sua construção, não são produzidos de maneira singular, e aqui podemos fazer relacionar isso especificamente à escrita ‘poética’ com que o site Memorial aborda seus personagens, colocando todos na mesma fórmula de criação, no mesmo estilo linguístico de escrita e também na experiência de consumo enquanto um produto de audiência.

Walter Benjamin (1994) cria a teoria sobre a obra de arte na reprodutibilidade técnica, onde traz o conceito de ‘aura’. Para o autor, a reprodução constante de determinadas obras faz com que estas percam a sua ‘aura’, pois não são mais singulares, estão postas a todos para serem reproduzidas, ressignificadas ou alteradas. A democratização das obras a que o autor se refere contribui no sentido de que podem atingir mais pessoas ao mesmo tempo em que tira do poder de instituições de serem detentoras da arte.

Dessa forma, os produtores culturais independentes criam espaço, podem se manifestar e produzir de maneira mais livre, não necessitam de organizações para terem ‘status’ e terem suas obras divulgadas”. A relação central que fazemos é que as reproduções constantes dessas narrativas - à medida que as mortes aumentam - tornam as emoções uma mercadoria, tornam as próprias vidas em mercadoria, pois agora são parte de uma obra em constante alteração e disseminação, como bem disse Benjamin (1994). Estão ali com o claro objetivo de emocionar, de promover as sensibilidades do público. Quando a singularidade que cada história de vida carrega é colocada em poucas frases, com adjetivos e atributos positivos para todos, pode ser que nesse ponto estejam perdendo a sua ‘aura’, aquilo que o autor acredita ser o mais importante em uma obra. Por mais que cada vida seja obviamente singular.

É o retrato de uma sociedade em que Bauman (2009) define como a “transformação das pessoas em mercadoria”, ressaltando as subjetividades que estão por trás de tornar nossas vidas mercadorias de uma cultura. “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas”

(BAUMAN, 2009, p.22). Segundo ele, somos uma sociedade de consumo e somos pessoas vistas como uma mercadoria vendável, queremos dessa forma, viver as sensações todas de uma vez só, imediatamente, no momento presente, o mais rápido possível, não nos importando tanto com o futuro, e sim, com o viver o máximo no menor tempo possível.

Como já dito antes, é a partir da concepção desses conceitos e da compreensão da sociedade pós-industrial, que nos propomos refletir sobre como se dão os afetos coletivos nessa realidade pandêmica que estamos enfrentando.

Como o fluxo de emoção e afetos tem nos moldado como sociedade e como seres? É nesse ponto que a discussão sobre o ‘Culto da emoção’ é levantada pela filósofa Marcia Tiburi, e os pesquisadores Eduardo Losso e Peter Pelbart. (2017)

O centro de debate é dado sobre a nossa ânsia em viver regularmente em busca de emoções, de nos sentirmos anestesiados e em certo êxtase por algo que venha de fora. Várias são as referências aos afetos coletivos que vivemos, pois apesar de sermos seres individuais, não escapamos de vivenciar experiências coletivas. Tiburi (2017) chamou isso de uma espécie de ‘contágio’ fazendo alusão do carnaval à época dionisíaca Grega, uma necessidade de experimentar eventos com muitas pessoas, de soltar ali todas as nossas energias.

São o que Pelbart denominou como ‘sentimentos catalogados’, ‘emoções pré programadas’, ideias percebidas quando estamos vendo novela, por exemplo. “Acho que afeto é justamente um movimento que não tem um trajeto definido, você não sabe bem pelo o que é que está sendo levado”, conclui.

É visto que o sistema capitalista e a indústria cultural em si, agem no sentido de enquadrar as emoções, e vão além disso, nos colocam numa perspectiva de como devemos nos sentir. Fala-se sobre a separação histórica e secular entre razão e a emoção, como dois aspectos separados, um de um lado e outro de outro, distantes. A literatura, por exemplo, trouxe através da poesia o sentido íntimo do eu, o que é poético é o que fala das emoções.

Nesse debate literário e filosófico que desenvolvem, é levantado outro questionamento importante na direção da nossa pesquisa: Vivemos em uma sociedade excitada? Ou seja, vivemos de um modo que precisamos de estímulos cada vez mais fortes

para nos sentirmos mais vivos? A quem podemos atribuir essa nova forma de ser é a questão. Essa nossa forma de sentir demais tem nos feito experimentar um certo vazio interior, algo que é sublime, mas que se observarmos a fundo e fizermos as ligações certas, perceberemos que há também uma dificuldade em sentir, justamente por estarmos focados no que Tiburi (2017) chamou de “hipervalorização do sentir próprio”.

Estamos em uma realidade em que os estímulos nos colocam em um regime de atenção constante, onde podemos perder as nossas próprias vontades de consumo e de ação. Ao mesmo tempo em que somos ‘impedidos’ de agir coerentes com nossos desejos íntimos de escolha, e entramos em um nível de frieza, apatia para com o mundo. Para os estudiosos do debate, isso é uma “doença do contemporâneo”. Segundo Pelbart (2017) o que mais se vê é a mobilização dos sujeitos numa dimensão afetiva que os capture, e que produzam o máximo possível. “As relações entre eles precisam ser de troca (afetiva, social) e que isso renda um certo regime biopolítico para render a subjetividade, tanto individual quanto coletiva”, diz Pelbart (idem).

Nessa perspectiva, podemos pensar sobre o “triunfo da pulsão de morte” elaborado por Freud (1920). Para ele, todos nós temos, internamente, um lugar onde a pulsão de morte¹⁸ é consentida, assim como a de vida. O que faz com que tantas pessoas ignorem o fato de estarmos vivendo uma pandemia, descumprindo regras de isolamento e lutando contra as recomendações dos órgãos governamentais? Talvez o princípio de morte esteja nelas mais bem definido, identificado. Para o psicanalista e psiquiatra Nelson Asnis (2021) a diferença entre as pessoas que se sensibilizam e compreendem melhor esse período é dada pela sua capacidade de renúncia. “Uma das maiores dificuldades do ser humano é postergar o prazer. É muito difícil, para as crianças, que precisam brincar, para os adolescentes, que precisam se reunir, e para os adultos e idosos, que não têm mais tanto tempo a perder”, afirma, em seu artigo para o site da GZH, no dia 25 de fevereiro de 2021 na aba “comportamento”.

É relevante que entendamos as motivações e comportamentos dos indivíduos envolvidos no cenário. Trata-se de pensar como nossas individualidades são colocadas à

¹⁸ “O triunfo da pulsão de morte” Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2021/02/o-triunfo-da-pulsao-de-morte-freud-explica-a-incivilidade-com-a-qual-lidamos-com-o-coronavirus-cklkydj7q002w015qkkimli59.html?fbclid=IwAR3yo9CliVcqNkWOLvhRxeMx9H1Htx0NCGjeNmaNx2zfLg_hNuO12Q5JsR4

prova e quanto a elas conseguimos ser fiéis nesse período. Assumimos, sobretudo, a preocupação em analisar nossa própria realidade, e buscar em diferentes teorias e pensadores a ênfase necessária para melhor construir e compreender essas sensibilidades individuais e coletivas.

Há uma relação entre perceber o mundo, sentir, emocionar-se e julgar, segundo Aristóteles em “Retórica” (1378a21-22). É pelas emoções (*pathos*) que os homens mudam seus entendimentos acerca de quase tudo a sua volta. Os gregos souberam usar a determinação da emoção no julgamento que as pessoas fazem sobre outras e sobre as coisas e as ideias e, através da Retórica, desenvolveram um conhecimento sobre a emoção e a decisão das pessoas, de modo que os discursos orientados a convencer ou persuadir devessem estar aptos a mobilizar opiniões nas pessoas.

No estudo de caso de “Inumeráveis”, nos perguntamos em que medida a emoção realmente é determinante dessa influência ainda hoje no sentido do comportamento das pessoas. Pelo menos uma hipótese nos pareceu razoável: as pessoas em geral possuíam desinformação e descrédito em torno do potencial destruidor do vírus no começo da pandemia da COVID-19. Era bem comum encontrar pessoas mesmo um ano depois de iniciada a onda de contágio no Brasil que insistiam em não usar máscaras e desconfiavam dos efeitos pandêmicos do Coronavírus, por larga escala atribuído a teorias conspiratórias.

Ao lado de outros esforços da mídia por uma informação mais determinada e que pudesse orientar a população, já que decisivamente o governo, através do presidente Jair Bolsonaro, seus ministros e assessores diretos haviam construído um intenso discurso social de contraindicação às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e protelado ao máximo quaisquer medidas de combate à pandemia, o “Inumeráveis” representava uma forma circulante de formação discursiva em âmbito social que talvez pudesse “tocar o coração das pessoas” e com isso agregar adeptos à sensibilidade que se fazia necessária para frear o crescimento do número de mortes diárias.

Claro que outras interpretações e construções explicativas poderão ser feitas. Inclusive, no sentido de influência¹⁹ persuasiva sobre o emocional da população, uma vez que se criam as condições ambientais (ecológicas) de mídia em estética e percepção, para que os auditórios dessa experiência como a do “Inumeráveis” se veja de fato envolvida pela condição arrasadora que foi, certamente, a perda crescente de vidas em função da COVID-19.

Sabemos, através de Aristóteles, que o *pathos* é o núcleo da exposição retórica. O coração da forma pela qual logramos maior ou menor êxito na adesão de auditórios a nossos interesses. E sabemos que toda comunicação é sempre intencional (não há nenhum sentido necessariamente pejorativo nesse entendimento).

O termo *pathos* (plural: *pathē*) é utilizado na Retórica indistintamente nos sentidos de “afecção”, “sentimento”, “paixão” ou “emoção” (COPE, 1897, p. 113-118; GRIMALDI, 1988, p. 14-15). Para Aristóteles, a retórica é uma arte (*technē*). Como “técnica”, ela é obra do humano, da “gente”, como define o filósofo grego em “Ética a Nicômano” (ARISTÓTELES, 1140a1-23).

O objetivo do retórico não é o de persuadir, mas discernir os meios de persuasão mais pertinentes para persuadir um dado auditório: seu foco são os ouvintes (*Rh.*, 1358a36-1358b20 e 1404a1-19). O retórico se pergunta que tipo de discurso, quais os tipos de provas, quais os *topoi*, que emoções despertar, que comportamentos adotar, etc., melhor se adequam para atingir seu objetivo (BITZER, 1968, p. 8).²⁰

Aprende-se com a *Retórica* de Aristóteles que quem está com medo ou colérica não se apieda. No caso do “Inumeráveis”, cria-se um ambiente (e uma estética) na qual é possível abrir-se caminho para este sentimento, por meio do qual, afinal, mais pessoas poderão se sentir “tocadas” pelo sofrimento do outro e substituir a indiferença à pandemia, ou o medo a ela, por outras emoções. No fundo, essa transformação é necessária para que a sociedade consiga superar o trauma das perdas inúmeras, mas também, para que uma parte daquele auditório (os que acessarem o site ou souberem dele) se sintam menos propensos a aderir a

¹⁹ Em Teorias da Comunicação se distinguem claramente os fenômenos de persuasão, de outros de manipulação e também daqueles de influência, conforme os quatro momentos da história das correntes empírico-experimental, behaviorista e funcional-estruturalista de que trata Mauro Wolf (2006).

²⁰ Foi meu orientador que me fez esta contribuição da leitura sobre BITZER com esse texto, em língua inglesa, e quem me ajudou a compreender a contribuição que tinha esse trecho para a minha pesquisa.

teorias conspiratórias e inverdades que começavam a circular, principalmente, através das fake News, de que a pandemia seria uma invenção e de que os hospitais de campanha, sendo montados para abrigar pessoas contaminadas diante da rede de saúde em colapso, seriam parte de um grande teatro para implantar o medo nas pessoas.

Quando estudamos retórica, aprendemos que não importam os efeitos de uma determinada comunicação, mas, a estrutura como ela é pensada visando a determinados efeitos. Por isso, não estudamos o comportamento das pessoas ou a recepção de discursos, em esfera social, e sim a organização desses discursos, o formato e a ordenação em suas estruturas, estilos, escolhas e é isso que torna esta investigação uma pesquisa com afinidade à retórica.

O que nos impressiona na observação sobre como os textos do “Inumeráveis” se mostram? O que eles apresentam, afinal, que representa uma tentativa de mobilizar sentimentos e provocar emoções? Estas são as perguntas que deverão nortear nosso capítulo de análise e nos levar a compreender como, nesse estudo de caso, se deu a experiência comunicativa pela perspectiva dos que a construíram, escrevendo e organizando a estrutura daqueles textos, supostamente capazes de- em poucos minutos, resgatar o valor de histórias de vida e conferir-lhes alguma dignidade em meio a tanto descaso pelo número de mortes e uma impressão muito forte de que estávamos diante de uma banalização no Brasil, do significado de morte pela COVID-19. No entanto, são perguntas enquanto um exercício filosófico em Comunicação, e como toda boa filosofia, não precisa necessariamente apresentar respostas definitivas, nem deve. Perguntar é sempre mais importante. Nos faz pensar.

Os gregos defendiam que a retórica pudesse ser de fato utilizada para fins justos, na defesa da verdade e da justiça, porque essa é sua função na *Polis*. Contudo, não deixaram de reconhecer a possibilidade de uso de certa forma, eventualmente, também injusto dessa técnica.

3 O ESTUDO DE CASO COMO ROTA TEÓRICA E METODOLÓGICA

Para irmos em direção à análise que pretendemos fazer, precisamos retomar a metodologia que irá amparar este trabalho como um estudo de caso. O estudo de caso é

caracterizado segundo (GIL, 2008), por fazer uma pesquisa aprofundada acerca de um ou poucos objetos, e permite, desta forma, um conhecimento detalhado sobre o tema. É um estudo que vem sendo utilizado, cada vez mais, pelos pesquisadores da área das Ciências Sociais por ter certa flexibilidade na sua aplicação quanto aos objetos observáveis socialmente. Visa portanto, atingir tais propósitos:

- a) “explorar situações de vida cujo limite ainda não está claramente definido;
 - b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
 - c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos”.
- (GIL, 2008, p.63)

De acordo com o pesquisador Yin (apud GIL, 2005), é puramente um estudo empírico onde podemos observar o contexto da realidade que pesquisamos, utilizando várias fontes de evidência para definir melhor as divisas entre o contexto e o fenômeno.

Para Goode e Hatt (apud VENTURA, 2007, p.384) é uma forma de organizar os dados, mas respeitando o seu valor unitário, sua singularidade. “Por meio do estudo do caso, o que se pretende é investigar as características importantes para o objeto de estudo da pesquisa”.

Considera a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.). Vale, no entanto, lembrar que a totalidade de qualquer objeto é uma construção mental, pois concretamente não há limites, se não forem relacionados com o objeto de estudo da pesquisa no contexto em que será investigada. (VENTURA, 2007, p.384)

Tendo em vista as construções linguísticas e de discurso empregadas nos textos do Memorial, nos amparamos no método de pesquisa bibliográfica (acerca do tema) e na tipologia da pesquisa qualitativa (acerca do objeto), segundo as autoras Lakatos e Marconi (2017). São estes métodos que nos permitiram orientar indagações e responder questões particulares, no sentido de que se trata de um objeto não quantificável. Esta foi uma pesquisa qualitativa (não quantitativa), de metodologia em parte filosófica e aplicada à Comunicação.

A pesquisa qualitativa oportuniza o pesquisador em poder participar, compreender e interpretar a busca que se propôs fazer, (MICHEL, 2015, p. 40); é através dela que vamos “discutir e correlacionar fatos, opiniões, situações e valores” visando uma análise coerente. É essa possibilidade de estudar o universo dos significados que nos importa, pois nosso estudo

apresenta esse caráter subjetivo e nos permite diferentes linhas de interpretações e relações, assim, a escolha do método requer de nós um cuidado para não cairmos em generalizações rasas quanto aos nossos objetivos.

Uma das modalidades da pesquisa qualitativa é a pesquisa narrativa, que para considerar os elementos significativos precisa, além de descrever, interpretar as ações e os acontecimentos (GIL, 2008). Por isso, antes de selecionar os dados, nós partimos, primeiro, para a observação (trabalhar nosso olhar acerca do objeto), exercício que fizemos para construir o primeiro capítulo desta monografia e os primeiros entendimentos sobre este projeto.

A partir desses dados, avançamos para interpretá-los conforme as referências que tivemos, na tentativa de estabelecermos um diálogo entre o empírico e o teórico. Nosso corpus se trata de uma amostra, um recorte do que nos interessa, e que correspondia ao interesse da análise a que nos propomos.

Para examinar a ordem dos elementos que estruturam a narrativa do Memorial da forma como ele está proposto, buscamos algumas marcas textuais ou discursivas, retóricas, de estilo e de composição, partindo da nossa interpretação sobre forma e conteúdo, aliado ao contexto daquelas histórias, pois é isso que a pesquisa qualitativa deve levar em conta.

A relação entre o pesquisador e a pesquisa nesse tipo de método é indissociável, uma vez que ambos estão dentro da mesma realidade e se confundem entre si. Por exemplo, enquanto pesquisadora, sou também um sujeito que viveu esta pandemia, e que sente a recepção dos textos do “Inumeráveis” pela experiência do vivido. Nesse sentido, o objeto se confunde um pouco comigo mesma e não teria como ser diferente. O método científico tenta estabelecer rigores de análise para que esta subjetividade se dê de forma controlada, embora ela nunca possa desaparecer, ao contrário do que pensa uma ciência mais positivista.

Conforme nos esclarece Maria Helena Michel (2015), considerando que há uma relação “dinâmica, especial e contextual” entre o pesquisador e a pesquisa, é que tomamos a experiência pessoal do vivido nesta pandemia para perceber e receber os efeitos da comunicação do Memorial e, aqui, organizamos a forma com que eles parecem provocados enquanto tipologia de estilo (sua estética, seu ambiente), sua construção narrativa e seu

discurso ou em sua comunicabilidade. Segundo Michel (idem), metodologicamente, é importante que os fatos, os sujeitos e as ações estejam à luz do contexto cotidiano, em outras palavras, da realidade empírica em que se faz a investigação.

Para a autora, temos de avaliar a realidade em seu contexto natural, tal como acontece, procurando dar sentido aos fenômenos ou interpretá-los, mas sempre de acordo com os significados que possuem para as pessoas implicadas nesse contexto. (MICHEL, 2005, p.40) Ou seja, se encaixam aqui, conforme (Pinheiro apud MICHEL, 2015, p. 125) “as questões não mensuráveis, como as emoções, as sensações, os sentimentos, as experiências, os comportamentos passados e expectativas futuras”.

É nesta arena que nos sentimos estimulados a estudar o Memorial “Inumeráveis”, pelo que as histórias contidas nele nos parecem pretender despertar, para muito além do que está escrito. Fica sempre uma questão nesses procedimentos de estudo de caso, relativamente, a se o pesquisador conseguiu de fato estabelecer o distanciamento necessário ao objeto para que sua subjetividade se veja realmente controlada. A atuação do orientador, neste cuidado, tendo em vista que a experiência de um TCC é uma iniciação científica, pode ser de fato determinante desse alcance e condição.²¹

3.1 À luz das histórias de vida a partir do método de Daniel Bertaux

Consideramos explorar os estudos de histórias de vida conforme postula o sociólogo francês Daniel Bertaux (2014), a fim de refletirmos sobre como se constroem as narrativas de vida socialmente, e o que elas em si mesmas representam, inclusive biograficamente. As estruturas formadas nesses textos que tomamos de análise são dadas, na imensa maioria das vezes, à luz de um entrevistador – e de alguém que fala seguindo os tensionamentos e questões colocadas para ‘dirigir’ a entrevista. São, acima de tudo, um método de pesquisa sociológica orientado por um pesquisador previamente articulado. No caso do “Inumeráveis”, não temos o entrevistador, mas o narrador se comporta de alguma forma como aquele que teria sido perguntado sobre a existência de quem se foi, vítima da COVID-19. E há um sujeito mediador de qualquer forma entre quem produz a ideia do que escrever e quem de fato

²¹ O zelo pela redação, por uma revisão controlada, e por uma honestidade intelectual permanente, como explica meu orientador, “oferecem alguma distinção ao trabalho de pesquisa”.

lê aquele texto, o que aproxima bastante a ideia da experiência do Memorial à concepção de Daniel Bertaux sobre como as vidas podem ser contadas.

As histórias do Memorial “Inumeráveis” são escritas através de pessoas que falam de outras pessoas, que ‘costuram’ trechos e interpretações essencialmente pessoais - pois não há como fugir disso - sempre movidas pelas questões de quem supostamente nos pergunta, tal sujeitos que montam o cenário ideal, pois assim como o pesquisador tem os seus propósitos também os tem um contador de histórias.

Bertaux (2014) é um pesquisador que insistiu em desenvolver o método das histórias de vida em uma época onde este era considerado um recurso do “senso comum” e não era visto como uma forma realmente eficaz e objetiva de coletar informações sobre alguém a fim de produzir pesquisas sociológicas. O autor também é considerado um dos pioneiros da pesquisa qualitativa. Reforçamos isso para dizer de nossa pesquisa como um estudo não apenas sociológico em comunicação e cuja abordagem de fato se faz qualitativa. Não nos importam as quantidades, as ocorrências, as regularidades ou repetições. Importam a nós, na condição de pesquisadores, a mim e ao meu orientador, cuja cumplicidade felizmente se faz muito presente nesse trabalho, na orientação e revisão do texto, na ajuda das escolhas teóricas e metodológicas, que possamos sentir e identificar presenças e estruturas, superfícies e profundidades na forma dos textos e na relação deles com discursos que fazem circular. Conforme explicou sempre meu orientador, no processo de análise, é uma estratégia metodológica que usamos para descrever nosso objeto naquilo que o torna singular e de alguma forma representativo.

De fato nenhuma experiência em comunicação parece sequer próxima do que tenha representado a experiência do “Inumeráveis”. Não apenas porque a pandemia é um episódio secular em nossa história, mas, principalmente, porque não se encontrou registro de um processo ou fenômeno de comunicação com características semelhantes e que tivesse ocorrido de forma simultânea com o descritivo, atualizando-se diariamente.

O grande desafio era de provar que as “coisas” não quantificáveis e que precisavam ser notadas com outros olhos, através de um modo autêntico que colocasse as falas dos sujeitos como centrais ao percurso de construção e reconstrução de suas vivências. Outro ponto crucial do estudo de Bertaux, é a percepção com que entende que a busca por analisar a

‘verdade’ acerca de cada ponto das histórias de vida é algo basicamente inconcebível por parte do pesquisador, por se tratar da realidade de um sujeito onde não é possível dizer o que é certo ou errado. O autor nos diz que com esse método “se aprende quase nada sobre o mundo exterior, mas se compreende melhor o interior de uma pessoa particular”. (Bertaux, 2014, p.263).

Com o “Inumeráveis” foi justamente isso. A sensação da experiência estética de uma situação comunicativa como a da leitura do Memorial é quase sempre única e ainda que se reproduza em milhares incontáveis mentes e olhos que entraram em contato com aquelas textualidades todas. Impossível dimensionar, de fato, a sensibilidade daqueles sujeitos com os quais os textos falavam tanto a respeito de quem não vivia mais, mas ainda assim dando-lhes uma existência real tão firme e concreta, a ponto de poder reconhecermos o valor de suas vidas, nas narrativas que os descreveram.

Evidentemente que a intencionalidade emocional e pathêmica (relativo ao *pathos*), conforme aprendemos, não precisava ser a única nem a mais forte razão do Memorial. A catarse de quem o alimentou com suas narrativas também continha parte do alto valor daquela experiência comunicacional. A esta, somaram-se outras, em função, principalmente, de recursos retóricos e ou estilísticos, conferindo-lhe à experiência tanto da escrita quanto da leitura, o status de um evento comunicativo de profundas vivências.

Outro elemento importante na metodologia de Bertaux (2014) e que nos cumpre ressaltar, é de que os estudiosos narrativistas do tipo história de vida (*life story*) precisam enxergar os fatos citados de modo a tirar deles os “significados escondidos”. A dificuldade em analisar cada ponto levantado nos depoimentos fez o autor concluir que:

“Como ele ou ela não pode ir verificar qualquer dos fatos que são citados pelo narrador, nem qualquer das ações que ele/ela afirma ter feito, como lhe parece, portanto, de fato impossível e, além disso, meaningless (sem sentido) estabelecer a verdade de cada ponto da história, ele conclui que tudo que ele ou ela pode fazer dessa história é estudá-la como texto”. (BERTAUX, 2014, p.263)

É nesse sentido de estudar um texto e extrair dele o que nos interessa refletir, que é possível determinar aqui a diferença fundamental - retomando a metodologia da nossa pesquisa - entre uma história narrada oralmente e outra, escrita textualmente. São o que Bertaux (2014) definiu como ‘cursos de ação’, segundo ele, se perdiam muitas informações

quando escritas, portanto, para ele, quem fala é aquele que viveu o curso de ação, isto significa dizer, aquele que passou por aquela experiência. Não a da vida, mas a do testemunho dela.

O valor testemunhal também é marca do jornalismo. Quando um repórter narra, ele não sofreu exatamente a dor que registra ou a felicidade que descreve. Mas a conhece. Se tornou testemunha ocular dos fatos ou pelo menos autorizada a revelá-los por algum outro fator como a proximidade com uma fonte. Quem escreve o Memorial era, de alguma forma, próximo àquele sobre o qual escrevera. A razão da comunicação encontra-se justamente nessa experiência de proximidade. Uma proximidade que de alguma forma o narrador espera ver sentida entre quem lê, da mesma forma como ele a teve com a pessoa que partiu. Se isso é atingido, ele terá logrado seu intento: ou seja, terá alcançado seu objetivo.

Obviamente, isso nunca é possível em relação a todos os leitores e sobre todo e qualquer texto narrativo. Há os que nos interpelam mais, e por diferentes fatores. Seja porque nos invocam experiências semelhantes ao nosso vivido, seja pelo emprego de formas estéticas, estilísticas e ou retóricas, que ora nos surpreendem, ora nos encantam, ora nos soam poéticas, ora ultra-sensíveis, enfim, características da própria natureza do contar e ler o contar.

A ‘reciclagem’ que tem o papel do escritor ou revisor no nosso objeto de estudo é uma forma de generalizar, categorizar e simplificar as histórias. De certa forma, é como se não tivesse sido desenvolvida nos textos a liberdade que um entrevistado desenvolve com seu entrevistador ao compartilhar seus pontos de vista. Parte do que foi partilhado “na entrevista” passa pelo padrão de escrita definido pelo site, por isso, é essencial entender que servem como generalizações do cotidiano; são o que Bertaux (2014, p.258) chamou de “razões do coração”.

Esse discurso que nos referimos trata sobre as vivências de uma população específica: amigos, familiares e parentes das vítimas da COVID-19, a pandemia ocorrida no Brasil. Todos inseridos em um mesmo espaço compartilham um imaginário coletivo. As diferentes narrativas reunidas são capazes de humanizar e estabelecer vínculos de conexão entre um ‘personagem’ e outro nesse ‘lugar’ que não é público, mas digital.

O ato de falar e representar alguém traz à tona um simbolismo que costura a história que vem sendo traçada no país sobre as vítimas do vírus. A linguagem e os símbolos, segundo Lysardo-Dias (2016, p. 991) são interações verbais que movimentam muito mais do que categorias linguísticas; são interações que representam modos de ser e de agir socialmente.

A autora se refere a uma narrativa central que mobiliza os sujeitos nela envolvidos, algo que não se resume ao campo da comunicação verbal, da escrita ou do audiovisual, por exemplo, mas vai além: é um produto das narrativas humanas representadas num cenário e época específica. São, para Lysardo-Dias (2016, p. 992) vozes de sujeitos que, de alguma forma, assumem a centralidade narrativa por meio de uma conectividade de forte valor simbólico.

3.2 Aspectos sensíveis da memória

Nosso estudo nos possibilita tratar sobre dois tipos de memória, a primeira relacionada ao sujeito e sua ação de ‘voltar’ ao passado, e a segunda, a memória coletiva, que diz respeito à junção de ‘memórias’ comunitárias em um mesmo espaço. O lugar de memória nada mais é que o espaço onde se reúnem as representações culturais de um povo, sua história, seus costumes e saberes. “Lugares de Memória só se tornam tal quando são objeto de um ritual que os investe dessa função, ainda que provisoriamente”. (MATTOS, 2020, p. 62)

Encaixam-se nisso os teatros, os museus, os centros culturais, as bibliotecas, os espaços ao ar livre que contenham obras artísticas, memoriais físicos etc. Esse espaço tem sido alvo de diversas discussões, sendo que a internet assumiu um ‘lugar de memória’ na vida das pessoas, culturalmente falando. As mídias sociais têm assumido um posto de co-criadora de autobiografias e biografias, pela sua interface múltipla e agregadora em unir as manifestações dos sujeitos em diferentes formatos e modelos. As proporções que esse fenômeno manifesta são um processo que se modifica conforme se alteram as pessoas e seu modo de utilizar as ferramentas disponíveis. Não podemos concluir onde ele pode chegar, mas o estudamos como forma de explorar o curso que tem percorrido.

Essa dimensão global da memória possibilitada pela internet, conforme diz Cidreira (2020) também é uma forma de “encapsular memórias pessoais do homem comum, do homem sem qualidades”. Para Mattos (2020, p.75) existe uma crise no que se refere aos ‘lugares de memória’ vigentes, segundo ele devido a uma espetacularização dos acontecimentos nos ciberespaços. Entendemos que essa espetacularização é uma forma que cada ser faz para autopromover suas experiências como eventos importantes e significativos.

Mattos (2020) afirma que estamos tendo dificuldade em ‘reconhecer os espaços de memória’, justamente, pela ampliação destes no mundo convergente e interativo da internet. São muitos os discursos que são promovidos na internet, tanto por blogs, sites de notícias (através dos comentários e abas de compartilhamento), quanto pelas redes sociais, em destaque o *Instagram*, o *Facebook* e o *Twitter*. O autor diz que isso tem alterado a forma como cada indivíduo passou a enxergar ao mundo e a si mesmo, “além de ditar novos valores que estão afetando, direta e indiretamente, as nossas relações pessoais.” (MATTOS, 2020, p. 76)

Para Robin apud CIDREIRA (2003, p. 62) vivemos em uma sociedade “saturada de memória”, regida pelo fantasma de “guardar tudo”. A autora ressalta a influência que o passado tem sobre nós, como se ele estivesse caindo em ‘nossas cabeças’, atribuindo isso ao ato que temos de voltarmos a ele mesmo quando não é isso que buscamos, dado ao excesso informativo em que todos estamos inseridos.

Mattos (2020, p. 76) aponta que nossas lembranças passaram a ser coletivas, pois são lembradas pelos outros, e de certa forma, já não podem ser tidas como lembranças individuais. O autor diz que as biografias através das histórias de vida possuem um “precioso instrumento para dar voz aos esquecidos da história”, sendo também uma forma de preservar os lugares de saberes e de memória.

Na construção de narrativas biográficas é preciso que haja uma elaboração sensível acerca dos processos de coleta, de entendimento do poder de fala que cada indivíduo detém sobre aquela história, e da chance que tem em si de instaurar novas visões e sentidos sobre determinado acontecimento.

“Precisamos reconstruir, repensar, refazer e registrar nossas lembranças, conscientes de que, como diz Le Golf (2003), a memória além de uma conquista, caracteriza-se também como instrumento de poder.” (MATTOS, 2020, p.82)

Esse instrumento de poder dado pelas nossas memórias é também o que Lysardo-Dias (2016) abordou no seu estudo sob o título: “Narrativas de moradores de rua nas redes sociais”, onde a autora aborda como essas pessoas fazem das mídias sociais uma forma de ‘serem vistas, de serem ouvidas’ através da narração sobre seu cotidiano nas ruas. É um ato também político, que utilizando as ferramentas digitais para se fazer ‘presente’ aos olhos da população, oferece um entendimento sobre as suas condições de vida. (Lysardo-Dias, 2016)

Segundo Gunter apud PINTO e ALVES (2015) os recursos audiovisuais e verbais são de grande valia, na medida em que as qualidades estéticas são essenciais para a fixação na memória. Os textos do Memorial buscam fixar memórias nas pessoas, assim como apresentar ao público o que essas vidas significam para uma memória coletiva; são registros que habitam um espaço, sobretudo, social.

Por isso, conforme Lysardo-Dias (2016, p. 1003) narrar a vida, sobretudo a própria vida, é um ato social de construção de uma inteligibilidade sobre a realidade “externa” ao indivíduo, mas constitutiva de sua existência. Nessa perspectiva, entendemos que é um ‘fazer existir’ social e culturalmente de experiências de vida, ressaltando identidades para testemunhar vivências e memórias.

3.3 Algumas marcas textuais e discursivas

Para análise dos textos que escolhemos como recorte do Memorial, apresentamos alguns conceitos e retomamos outros que já apareceram em trechos nos capítulos anteriores neste estudo. São abordagens que esclarecem os enunciados e as marcas discursivas de maior expressão que aparecem nos textos. Nos despertou a atenção o fato de uma das premissas para os escritores do Memorial ser o cuidado para evitar ‘clichês’ e uma das características marcantes nos textos é justamente a exaltação do simples, a partir de palavras genéricas, com o uso de adjetivos simples. O simples é um caminho para o clichê, daí que o risco de que uma narrativa se torne clichêzada é realmente muito presente (ver grifos nossos abaixo).

Irene Antônia de Melo da Silva

1941 - 2020

A **bela família** que construiu era sua vida e sua essência.

Irene era uma **mulher de família**, guerreira, amiga e muito querida.

Mãe exímia, carregou em seu ventre sete filhos, frutos do amor com seu José Elói.

Era avó de nove netos e **orgulhosa bisavó** de um anjinho que não pode conhecer pessoalmente.

Morava com seu esposo, com seus filhos Marcos, sua filha Suelane, seu genro Joseilton, e com os netos Rafael e Beatriz em um lar onde viveu **muito feliz**.

Seu neto era seu **amigo especial**.

Mesmo com os problemas de saúde, adorava contar histórias de sua vida, sempre falava das memórias de quando morava com seus pais.

Para ela, todos os dias eram **dias de alegria**.

Irene nasceu em Glória do Goita (PE) e faleceu [em Paudalho \(PE\)](#), aos 78 anos, vítima do novo coronavírus.

Testemunho enviado pela filha de Irene. Este tributo foi apurado por Ricardo Pinheiro, editado por Camila Ferreira Fernandes, revisado por Monelise Vilela e moderado por Rayane Urani em 14 de junho de 2020. (MEMORIAL “INUMERÁVEIS” 2020)

Por outro lado, o simples que consegue escapar à forma do clichê também pode mais facilmente se tornar eficaz na estética de uma experiência emotiva do leitor. O mais simples toca mais direto ao coração. A catarse do leitor parece mais facilmente alcançável pelo que ele se reconhece naquilo que lê.

Acima, a história de Irene Antônia, de 78 anos, apresenta alguns desses adjetivos e clichês que nos referimos. Por simples, queremos definir aqui o uso comum, cotidiano, desses adjetivos. Com palavras excessivas que adjetivam ou predicativam a sua família, ‘bela família’, ‘mulher de família’, ‘orgulhosa bisavó’, o texto acaba dando ênfase aos afetos que o personagem tinha com seus familiares ‘no lar onde viveu muito feliz’. São palavras que buscam representar uma simplicidade discursiva, buscam remeter o leitor a características singelas do cotidiano dessa vítima. Evidentemente, o contexto vívido, presentificado da pandemia, ajuda -e muito- a que esta simplicidade escape à condição de um clichê. À medida que o tempo linear entre o texto e a realidade se afasta, a possibilidade de que aquela narrativa se reconheça desprovida da emocionalidade de antes é bastante razoável.

Plantin apud Barbosa (2003, p.105) afirma que existem os termos indiretos de emoção, derivados de enunciados que não comportam palavras que levam diretamente ao campo semântico das emoções, mas, que são passíveis de provocar e/ou sugerir efeitos afetivos. Ou seja, as palavras por si só não são garantia de que haverá emoção e nem podemos afirmar que as pessoas que falaram em determinados “textos” estavam de fato

emocionadas. Porém, é essencial dizer que, segundo Barbosa (2010, p.102) todo ato de linguagem está impregnado de um conteúdo apreciativo.

No texto abaixo, podemos observar a figura de uma mãe, um elemento bastante presente dos textos do Memorial “Inumeráveis”, mas que se constrói de uma forma singular. “Mãe como poucas”; “foi luz para os filhos”. Notoriamente nem toda mãe é boa para o filho assim como nem todas se pensaria como sendo capazes de iluminar o caminho dos seus. Mas há efetivamente, elementos mais propícios ao jogo da emoção do que outros: animais de estimação, crianças, mães e em alguns contextos, idosos ou pessoas vulneráveis. Nesse sentido, diremos que a representação de arquétipos sociais nas figuras humanas ou não e que encontram correspondência a sentimentos de proteção, de acolhimento e de cuidados, ensaja com muito mais força o ambiente da emotividade e concorre para um efeito mais eficaz na construção dos sentidos. De certa forma, estes arquétipos funcionam como mimese, reproduzem o já vivido em relação à imagem que temos de pessoas “boas”, “felizes”, etc.

A família também aparece como uma das palavras que mais ganha ênfase para descrever e ilustrar a vida da vítima. “Gostava muito de reunir a família para o natal”, “Um dos rituais maravilhosos que cultivou por toda a vida foi a reunião dos seus para fazerem pamonhas”. Observemos que junto à idéia de uma unidade (como a familiar) se reconhecem facilmente eventos marcantes (datas históricas sempre reúnem certa carga de memórias e por isso já são alguma promessa de promoção da emoção), assim como a associação entre lembranças e alimentos, cores ou ritmos (músicas).

Frases como: “era daquelas que não parava jamais” e “nunca deixou a peteca cair”, “jamais reclamou das dificuldades enfrentadas”, etc., são usadas para dar intensidade à história, e buscam dar ideia de profundidade na descrição e construir uma linha discursiva que ilustre a integridade da pessoa sobre a qual se conta uma história. Ao final, a frase da filha de Ana: “Amor da minha vida. Que saudade mãezinha!”- se vê enquanto um recurso de ilusória capacidade de interação com quem partiu, reforçando o caráter de proximidade que já nem existe. À medida que textual e discursivamente se afaste a evidência da separação (pela fantasia de um diálogo outra vez), se consegue dar mais realidade à experiência estética e mais convicção da fantasia a quem consome aquela informação.

Ana Lopes do Prado Turato

1930 - 2020

Ria até sentir dores na barriga. Amava banhos de mar e sonhava em comprar uma casa na praia.

Mãe como poucas, enfrentou todo tipo de adversidade sempre com uma dignidade e senso de ética e moral **inigualáveis**. **Foi luz para os filhos** e força diante da vida. Ana era **feliz e vaidosa**. Uma pessoa que **ria muito**. Também amava viajar, sobretudo para visitar as irmãs no interior de São Paulo.

Gostava muito de reunir a família para o Natal, Ano-Novo, Páscoa, aniversários ou mesmo para um café da manhã aos domingos. Um dos rituais maravilhosos que cultivou por toda a vida foi a reunião dos seus para fazerem pamonhas.

Ana gostava de comidas simples, mas bem quentinhas. Como uma boa mineira que era, gostava da café e pão de queijo e fazia uma bacalhoadada com maestria.

Era daquelas que **não paravam jamais** e, no auge de seus 90 anos, ainda limpava a casa, cozinhava e não deixava que ninguém fizesse nada para ela. Dizia que não podia parar. Ana ficou viúva cedo e **nunca deixou "a peteca cair"**, como conta a filha Maria de Fátima. Trabalhou por muitos anos como empregada doméstica e tinha verdadeira adoração pelos patrões.

Por conta de sua força que vinha da fé e confiança em Deus, **jamais reclamou** das dificuldades enfrentadas.

"Amor da minha vida. Que saudade mãezinha!", despede-se a filha.

Ana nasceu em Pouso Alegre (MG) e faleceu [em São Paulo \(SP\)](#), aos 90 anos, vítima do novo coronavírus.

Tributo escrito a partir de testemunho concedido pela filha de Ana, Maria de Fátima Turato Santos. Este texto foi apurado e escrito por Lígia Franzin, revisado por Luana Bernardes Maciel e moderado por Rayane Urani em 6 de março de 2021. (MEMORIAL "INUMERÁVEIS", 2021)

Machado apud NETO (2011, p. 278) explica que “uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular”. No caso acima, é a filha de Ana que traz a palavra para si para compor o texto dedicado à mãe (e o faz com emprego de um diminutivo, que lhe confere um tom carinhoso à mensagem). São formas linguísticas que assumem uma representação a partir de um ato de enunciação. Na perspectiva de Bakhtin (1929) sobre enunciação e emoção, é difícil falar sobre uma linguagem que seja desprovida de emoções. O autor diz que a língua não existe separada dos eventos humanos. Por isso, é difícil dizer que somente há significação quando existe razão na comunicação entre o eu e o outro. (Bakhtin apud Barbosa, 2010, p. 103).

Em ambos os textos abaixo, dedicados a Agostinho Neto e Cícero Clemente de Sousa, percebemos a expressiva utilização das palavras alegria e paixão. Agostinho “conhecido pela alegria e pelo sorriso constantes”; já Cícero tinha como principal característica “a alegria de viver”. São frases que visam construir a ideia de pessoas felizes que eram; frases que elaboram, para a estrutura do Memorial, uma ‘gramática comum’ que coloca os sujeitos da história narrada em um mesmo enquadramento de vida, no entanto, com a intenção de

lembrar seus pontos fortes. (Como já argumentamos em capítulo anterior, de que não se deva exaltar o que não fora favorável ou uma qualidade, propriamente).

Agostinho Hermes de Miranda Neto

1950 - 2020

Conhecido pela alegria e pelo sorriso constantes, tratava a todos com amizade e empenhava-se em fazer o bem.

Médico e ator, **sabia despertar emoções**. Durante quinze anos foi Pôncio Pilatos na encenação da Semana Santa. Atuava no teatro da Igreja dos Capuchinhos. A última atuação foi na peça "Cura-me", em que representava um médico.

As netas Isabela e Júlia eram suas paixões mais intensas, mais incondicionais.

Casado com Dona Fátima, teve dois filhos, Tatiana e Augusto. Tinha profundo amor pela família e por Deus.

Era amigo **de todos e tratava sem distinção** seus pacientes. Sempre com um sorriso no rosto, irradiava alegria. "Se alguma vez estive triste ou com alguma dor, nunca soubemos", conta a filha Tatiana. "Era, sem dúvida, uma pessoa que fazia o bem."

Agostinho nasceu em Belém (PA) e faleceu [em Belém \(PA\)](#), aos 70 anos, vítima do novo coronavírus. Tributo escrito a partir de testemunho concedido pela filha de Agostinho, Tatiana. Este texto foi apurado e escrito por Marcia Horacio Barbosa, revisado por Paola Mariz e moderado por Rayane Urani em 29 de maio de 2020. (MEMORIAL "INUMERÁVEIS", 2020)

Cícero Clemente de Sousa

1962 - 2020

Apaixonado por pescarias e pimentas em conserva.

A **principal característica** de Cícero **era a alegria de viver**.

Segundo seu amigo e colega de trabalho, Anderson Rezende, "ele tinha a virtude de **praticar o bem, amando** o próximo **como nunca vi** (...) Onde estivesse **encantava todos** com seu carinho."

O "Veinho", como os mais íntimos o chamavam, gostava de pescar, de passar o tempo livre com os amigos e os parentes e tinha uma **paixão** por pimentas em conserva, das quais muito apreciava o aroma e o sabor. Era a pessoa organizada da família, o que mantinha os objetos da casa em ordem e desembaraçava tudo que é tipo de cabo...

Mas, a grande **paixão** do balconista e funcionário público era mesmo a esposa Suely, os filhos Andressa, Tito e Vanessa, e os netos. "Um pai e amigo para todas as horas. Um ser humano que orgulha a todos nós, de maneira verdadeira e muito especial. Guardamos com muito carinho todas as lembranças dele", completa Anderson.

Cícero nasceu em Pedro Alexandre (SE) e faleceu [em Salvador \(BA\)](#), aos 58 anos, vítima do novo coronavírus.

Tributo escrito a partir de testemunho concedido pelo amigo de Cícero, Anderson Resende. Este texto foi apurado e escrito por Jornalista Audryn Karolyne, revisado por Lígia Franzin e moderado por Rayane Urani em 4 de junho de 2020. (MEMORIAL "INUMERÁVEIS", 2020)

Esses textos nos possibilitam também construir imagens a partir do contato com as histórias; criamos internamente, a partir deles, a ideia de uma ‘pessoa possível’. Juntando as características descritas, imaginamos quem poderia vir a ser esse ou aquele sujeito. Segundo Mattos apud BOSI (2001, p.55), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir e repensar imagens de hoje, as experiências do passado.” É uma forma de fazer com que nos aproximemos dessas vivências compartilhadas por outros, e que nos faça ainda, criar um tipo de vínculo afetivo com a história ao fazermos nossas comparações mentais no momento da leitura.

3.4 Linguagem e jornalismo na perspectiva de uma contribuição social

Existe um propósito na discursividade do Memorial que tem a ver com uma premissa crucial do jornalismo: a de esclarecer e tornar a informação acessível a todos, possuindo o papel de fazer a conciliação entre as diferentes camadas sociais. Por isso, para além das experiências sensoriais e de emoção que observamos no “Inumeráveis”, compreendemos que as generalizações e os padrões de linguagem pretendem elucidar as histórias das vítimas do COVID-19 ao público, propondo um exercício reflexivo e social de compreensão em relação à doença.

Evidentemente que este texto que analisamos não é um texto jornalístico. Mas o trazemos para pensar suas condições e qualidades também como prática comunicacional que é, estreitamente vinculada à nossa realidade em nossa profissão como contadores de histórias. E enquanto profissionais invariavelmente invocados a buscar segurar a atenção do leitor, do telespectador, em nome da sustentação da audiência.

A reformulação do fazer jornalístico e as constantes atualizações das mídias em busca de uma linguagem acessível e atrativa são parte também de um contexto de convergência onde o público demanda uma leitura rápida, enxuta e independente.

Apesar de modificarem, com frequência, seus objetivos conforme se alteram as condições profissionais, sabemos que há para o jornalista o desejo intrínseco em fornecer uma atuação cidadã na sociedade.

Outro aspecto é a necessidade do público em participar e ser criador de conteúdo, para que este possa fazer sentido para si. “As interações pelo computador são apontadas por alguns como lugar de livre curso de uma violência desenfreada e perigosa, enquanto outros reconhecem nela um instrumento de participação cidadã e de democratização” (AMOSSY, 2017, p. 173).

A larga exposição dada pela internet sobre os discursos sociais de determinados grupos são, conforme Lysardo-Dias (2016, p. 1004), modos de promover o bem comum e de assumir um papel político, fazendo com que as pessoas possam se solidarizar com o sofrimento alheio.

Todo o aparato tecnológico ultrapassa sua dimensão de instrumento técnico e instaura outros vínculos, forjando novas práticas coletivas de solidariedade e altruísmo que integram ações do cotidiano e potencializam seu impacto. (LYSARDO-DIAS, 2016, p. 1004)

A formação da opinião pública possibilitada pela profissão reafirma o papel do jornalismo como quarto poder, em um cenário onde o combate às fake news e os constantes ataques para desqualificar o trabalho da imprensa na pandemia têm sido constantes. São premissas que também observamos na produção do Memorial, aliado à seleção e frequente atualização dos dados.

Dessa forma, Meneghetti apud LUDWIG; SOUZA (2004), consideram que o jornalista é um dos três profissionais que causam maior impacto na pedagogia social, pois a prática do fazer jornalismo requer a decodificação das informações e a reconstrução da realidade de forma coloquial, para que o público entenda. De certa forma, podemos aprender muito com a experiência narrativa do Memorial e transferir algum aprendizado para nossa atividade de escrita. Claro que isso vai ser, de novo, algo absolutamente subjetivo e extremamente individual. Linguagem e jornalismo andam juntos para criar novas construções de mundo e de comunicar, apesar do jornalista precisar se adequar a uma demanda e política organizacional específica. E é cada vez mais comum que desempenhe a função como produtor independente, sem que precise se encaixar a políticas pontuais de trabalho. Talvez novos jornalismo se configurem a cada tempo e se possa atravessar as fronteiras entre a arte e a técnica, como quando se escreve com mais sentimento sem deixar de ser preciso como a profissão requer.

No nosso estudo, percebemos que é também habitual criar ‘nichos de público’ para quem se deve falar, a exemplo das frases do Memorial: “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa” e “vivos ou mortos, nunca seremos números”, os quais exaltam a vontade de despertar informação em um público que pode estar compactuando para a produção e disseminação das fake news, ou, ainda ignorante sobre os reais efeitos da doença. Ao mesmo tempo em que eleva o sofrimento e luto de um outro público para “celebrar a vida” e dar “dignidade às vítimas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi um desafio pesquisar um projeto coletivo e independente como o do Memorial “Inumeráveis”, composto por textos de pessoas tão absolutamente diferentes e de partes distintas do país, sobretudo, por estar vivendo esse momento (como todos os brasileiros) o drama da pandemia, e de precisar trabalhar o olhar para as sensibilidades que se apresentaram enquanto eu também escrevia. Sobretudo, porque durante todo meu TCC eu também trazia comigo a minha bem-vinda Olívia, em gestação. E que me deu sempre muita força para chegar até aqui.

A escolha por esse tema se deu especialmente por perceber o potencial tanto estético, quanto comunicativo do site. No decorrer da construção do nosso estudo, percebemos que a emoção trazida nas marcas discursivas que analisamos não tinha somente o objetivo de persuadir o público e de emocioná-lo, mas, sobretudo, de assumir um papel como fenômeno que incorpora diversos pontos passíveis de análise em comunicação. Aqui ressaltamos o aspecto generalizante percebido através da utilização de adjetivos simples e da exaltação dessa simplicidade em todas as histórias. Embora pretenda exaltar cada história de vida, o Memorial coloca todos em um mesmo ângulo, elucidando o que há de comum a todos: a simplicidade, o cotidiano desprezioso em que viveram aquelas pessoas, a forma ‘singela’ com que marcaram as suas vidas e as de seus familiares e amigos.

Através dos estudos que realizamos, pudemos entender como a estética do site contribuiu para fazer valer seu desejo de não tornar essas pessoas um número, uma estatística, e torná-los uma expressão poética. Consideramos que cumprimos com nossos objetivos

entendendo que a maneira que foram reunidas essas histórias são também a expressão de uma sociedade que precisa atribuir significados, sendo que o processo do luto foi interrompido pelo cancelamento dos velórios.

Percebemos a importância de evidenciar essas vidas por um outro ângulo, entendendo o contexto no qual estão inseridas, e ressaltando o fazer jornalístico como um trabalho de mediação e justiça social. Foi um esforço para também combater as fake news em um cenário pandêmico que parece não se fazer considerável para tantas pessoas.

Compreendemos que o Memorial é a ligação entre os conceitos trazidos por Sally Burch, Lysardo-Dias e Daniel Bertaux, de colocar os indivíduos como arquitetos do seu próprio viver, sabendo que estes elaboram uma “consciência cidadã” que molda e reformula a nossa sociedade e é também moldada a partir dela. São pessoas sob condições sociais aparentemente muito próximas, compartilhando conhecimentos, habilidades, normas, valores e conflitos. Ou cuja emotividade supere quaisquer diferenças menores entre elas.

O “Inumeráveis”, principalmente num contexto de cultura visual, no qual estamos mergulhados, revaloriza a escritura, o texto. Não traz imagens, apenas palavras. Isto tem realmente uma significância muito forte, em se tratando de um medium e tendo em vista os propósitos a que se destina. O *Pathos* ainda encontrando no mundo contemporâneo enquanto vocábulo com significado de um *locus* de manifestação. Uma manifestação social e culturalmente determinada pelo culto à emoção e à hipervalorização dos sentimentos, que como vimos, parecem um tanto quanto catalogados, isto é, como se o mundo nos dissesse sempre como devemos pensar e sentir em cada uma das muitas situações alegres ou tristes, boas ou ruins, tranquilas ou tensas as quais vivemos.

Os textos publicados possuem revisor e moderador, além de quem os concebe originariamente (um familiar ou conhecido da vítima da COVID-19). Isso encarna o caráter produtivo das mensagens que circulam no site e que funcionam como um memorial. Também configuram uma nova forma de fazer o testemunho de acontecimentos, baseados na memória e no valor representativo de acontecimentos em torno das pessoas que se foram. Isso pode ser uma reconfiguração de um novo *modus* de fazer jornalismo? Talvez, pelo que se pensa a profissão como valor testemunhal, mas, também pelo que se buscam sempre novos estilos de

falar ao maior número possível de pessoas, de mobilizá-las e de fazer delas sujeitos de uma memória social. Conscientes da necessidade de refletir sobre o presente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Cláudia. **A poética de Aristóteles sob a abordagem de Lígia Militz da Costa**. Kalíope, São Paulo, ano 7, n. 14, p. jul./dez., 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Introdução, tradução e notas de Quintín Racionero. Madrid: Gredos, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

BARBOSA, Marinalva Vieira. **Qual o lugar das emoções nos estudos da linguagem do século XXI?** Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Uberaba/MG. 2010.

BASTOS, Helder. **Jornalismo electrónico. Internet e reconfiguração de práticas nas redacções**. Coimbra: Minerva, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.

BERTAUX, D. **Les récits de vie**. Collection 128. Paris: Nathan, 1997. In: COSTA, Luciano; SANTOS, Yumi Garcia dos. O “relato de vida” como método das ciências sociais, pp. 319-346. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 32, n. 1

_____ **A vingança do curso de ação contra a ilusão cientificista**. Civitas, Porto Alegre, v.14. p. 250-271, 2014.

BITZER, L. F. The rhetorical situation. **Philosophy & Rhetoric**, University Park, v. 1, n.1, p. 1-14, 1968.[1].

BRITO, Mariza Angélica Paiva; OLIVEIRA, Rafael Lima de. **A construção do referente em uma análise do pathos na polêmica**. Revista Organon, Porto Alegre (RS), v. 33, n. 64, 2018.

BURCH, Sally. **Sociedade da informação/Sociedade do conhecimento**. In: Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação. C & F Éditions, 5 de nov., 2005.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Aparência e sensibilidade na cultura**. In: Memória e Sensibilidade na cultura contemporânea. Cachoeira: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2020. 192 p.

DAMÁSIO, M. J. (org.). **Teorias e Práticas dos Media: Situando o Local no Global** Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2010. p. 251-266.

DA SILVA, Norton. Jr. **“A morte banalizada”** Zero Hora. Porto Alegre, edição de 29 e 30 Ago. p.9. 2020.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** [tradução de Bento Jr. E Alberto Alonso Muñoz] Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 [tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

DUCROT, **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. [trad. de Le dire et le dit, 1984].

FILHO, Ciro Marcondes. **A comunicação do sensível**. 1ªed. São Paulo: ECA-USP, 2019.

FILOSOFIA pop: **Culto da emoção**. Publicado pelo canal: SescTV. 31 março, 2017. Produzido por: Márcia Tiburi, Eduardo Guerreiro Losso, Professor de Teoria Literária da UFRJ e de Peter Pál Pelbart, Professor de Filosofia da PUC-SP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w1ThXebbYds&ab_channel=SescTV

FOLHA DE S. PAULO. **Os obituários no jornalismo**. Podcast 'Expresso Ilustrada', 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4jPbUzFXxtA2opjt89ecSa>

GALINARI, Melliandro Mendes. **Logos, ethos e pathos: “Três lados da mesma moeda”**. Alfa: Revista de Linguística. São José do Rio Preto: vol.58 nº.2, São Paulo, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

GOMES, Mayra. **Jornalismo e Filosofia da Comunicação**. São Paulo: Escrituras, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8ªed. São Paulo: Atlas, 2017.

LYSARDO-DIAS, Dylia. **Narrativas de moradores de rua nas mídias sociais**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 989-1013, 2016.

MATTOS, Sérgio. **O contexto da memória no contexto cultural**. In: Memória e sensibilidade na cultura contemporânea. Renata Pitombo Cidreira (Org.), Cachoeira: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, p. 2020. 192 p.

MATHEUS, Samuel. **Introdução à retórica no século XXI**. Universidade da Beira Interior. Portugal, 2018.

MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. **A comunicação, o comum e a alteridade: para uma epistemologia da experiência estética**. Dossiê: Cotidiano e Experiência. Vol.22, Nº 02, 2º semestre 2015.

E.; MACHADO, I. L. (Orgs.). **As emoções no discurso**, volume II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MEYER, M. A **retórica**, São Paulo: Ática, 2007.

MEMORIAL INUMERÁVEIS. **Memorial destinado às vítimas da COVID-19 no Brasil**. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>, 2020.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MIRANDA, José Bragança. **Activismo em rede, globalização e transdução**. In: ÁLVARES, Cláudia; DAMÁSIO, Manuel José (Orgs.). **Teorias e práticas dos media: situando o local no global**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2010. p. 251-266.

NETO, O. M. **Representações do social e do linguístico na clivagem do sujeito**. Cadernos da Fucamp, v.14, n.21, p.147- 156 /2015.

Organização Pan-Americana de Saúde, 2020. **Relatório sobre saúde mental em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situacoes-de-Epidemias--Portugues.pdf>

PINTO, Jullyana Patrícia Soares; ALVES, Poliana Sales. **O papel das emoções no jornalismo: um estudo da série de reportagens “O Brasil na Copa da Rússia” do Jornal Nacional**. Faculdade Estácio de São Luís, São Luís, MA, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1407-1.pdf>

ROSENTHAL, Gabriele. **História de vida vivenciada e história de vida narrada - a interrelação entre experiência, recordar e narrar**. Dossiê: Narrativas. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 227-249, maio-ago. 2014.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Penso, Porto Alegre, 152p. 2006

SANTOS, João Bosco dos In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos de Souza. **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. UFMG. Belo Horizonte, 2016.

SILVA, Lopes Denilson. **Sensações, afetos e gestos**. In: Osmar Gonçalves (org.) **Narrativas Sensoriais: ensaios sobre cinema e arte contemporânea**, 1ªed. - Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. 1. reimp. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2002.

_____. **Teorias do Jornalismo: A Tribo Jornalística - uma comunidade transnacional**. Lisboa: Editorial Notícias, 2005.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out. 2007. Disponível em: <

http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf > Acesso em Março/2021.
